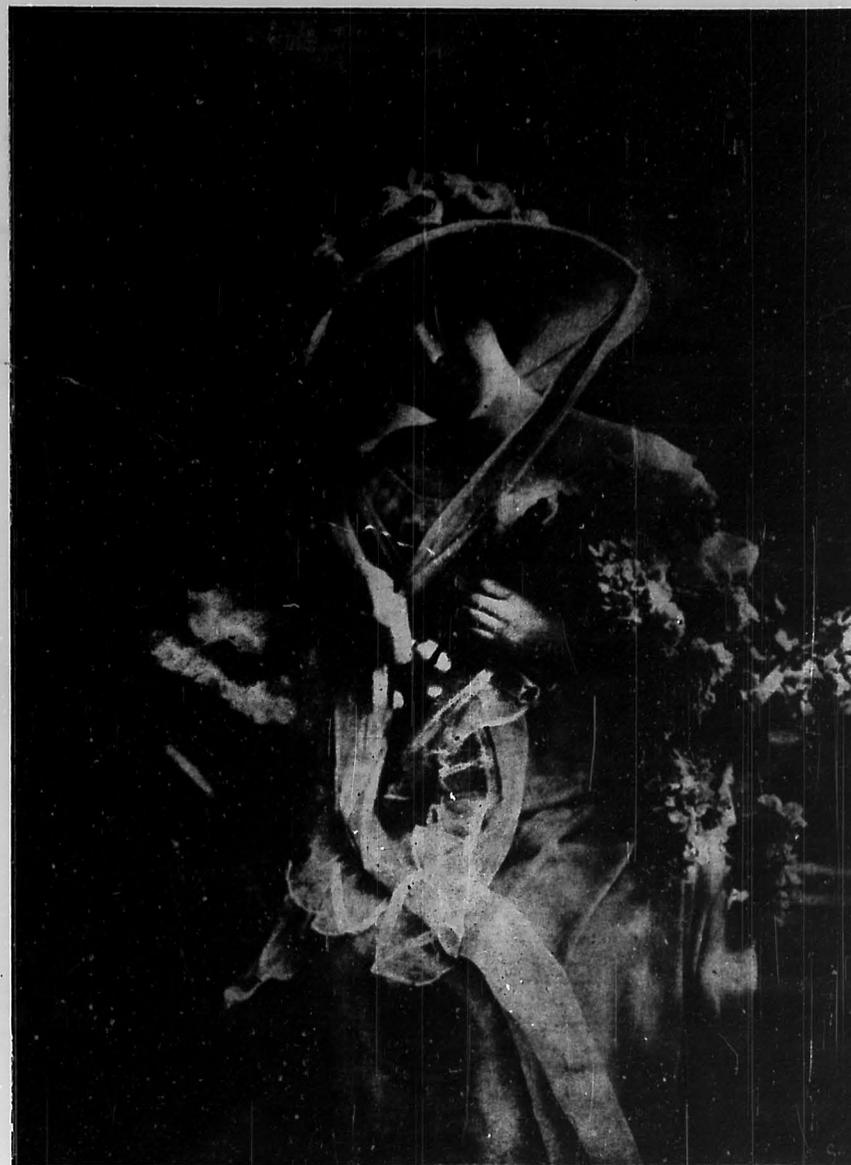


NOVEMBRO

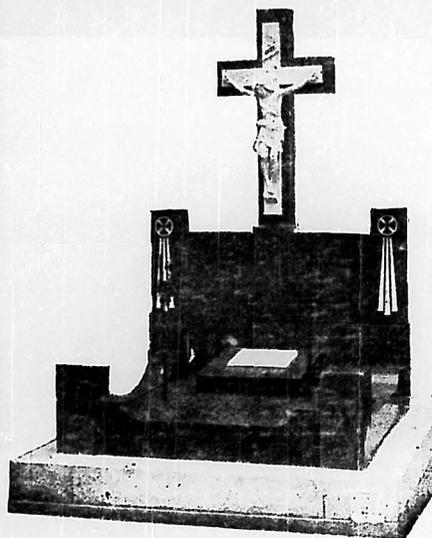
Nov. de 1916



Revista
Feminina

Anno 3
№ 30

MARMORARIA BLANES



É a única casa que não emprega estuque como costumam as outras casas.

É a única que tem o segredo de trabalhar o granito nacional Preto e dar-lhe o lustre pelo mesmo processo usado na Alemanha para estes trabalhos. Visitem o tumulo do finado Ernesto Theodoro Lima na quadra 65 sepultura 42 no Cemiterio da Consolação para se convencerem.

Rua Benjamin Constant, N. 37
Marmoraria Blanes

CASA ESPECIAL

DE BORDADOS A MACHINA
Passamanarias Ponto a jour, Botões e Plissés de diversos feitios, novos modelos para saias chegados agora.
Vende-se Moldes da ultima moda, tudo por preços reduzidos á

Rua Conseq.º Chrispiniano, 29

Brevemente estarei em idade de me casar

Sim, é verdade, responderá sem corar toda a moça ajuzada que pretender mudar de posição social. As dificuldades da vida porém são tantas que certamente meus pais vão se desgostar por não poderem dar-me um bom enovel e um pequeno dote para a constituição de meu novo lar. Como hei de fazer para não lhes causar tal aborrecimento? É simples: cortai este annuncio e hoje mesmo enviá-o com um selo de 100 réis para a resposta a EVER CAVALCANTI, caixa postal, 208, S. Paulo, para que elle vos informe do modo simples pelo qual podereis, com mui pequeno e insignificante sacrificio vos livrar de tal aperto.

SÓ

É CALVO QUEM QUER
PERDE O CABELLO QUEM QUER
TEM BARBA FALHADA QUEM QUER
TEM CASPA QUEM QUER

Porque o
PILOGENIO

Faz crescer novos cabollos, impede a sua queda, faz vir uma barba forte e saudável e faz desaparecer completamente a caspa e questões parasitas da cabeça, barba e sobrancelhas. Númerosos casos de curas em pessoas conhecidás, provam a sua completa efficaçia.

BEXIGA, RINS, PROSTATA, URETHRA

A UROFORMINA GRANULADA de Giffoni é um precioso diuretico e antiseptico dos rins, da bexiga, da urethra e dos intestinos. Dissolve o acido urico e os uratos. Por isso é ella empregada sempre com feliz resultado nas influencia renal, cystites, pyelites, nephritis, urethrites crónicas, inflammaçã da prostata, catarro da bexiga, typhlo abdominal, uremia, diathese urica, aréas, calculos, etc. — A venda em todos os Estados e no

Deposito: Drogeria Francisco Giffoni & C. — Rua 1.º de Março, 17 — Rio de Janeiro

ANNO III

SÃO PAULO, NOVEMBRO DE 1916

NUM. 30

PROPRIEDADE
DA EMPRESA
FEMININA
BRASILEIRA

Revista Feminina

DIRECTORA:
VIRGILINA DE SOUZA SALLES
REDACÇÃO:
RUA 15 DE NOVEMBRO, 33 — Sobr. loja.

Preço para venda avulsa:
600 réis

ASSO. ANNUAL PARA TODO O BRASIL 7800
TELEPHONE No. 6001

NOVEMBRO

ESTA manhã de novembro, de sol esplendente, de céu rutilo, de ar tão claro, tão aromal e tão transparente como a cambraia fina, que veste uma virgindade; nesta manhã de festa floreal, na qual, do decote das corolias nasce o fremito dos corações e a essencia capitosa que se evolva da vida, ao segmentar-se num espasmo; nesta manhã, quantas de vós, que me ledes, não direis da vida que ella não vale o sorriso de que sempre nasce, nem a lagrima que sempre della se despede... Talvez tenhaes razão. Divido meu olhar, em tal cogitação, entre a carta que me escaida a mão e a festa, a grande festa, a enorme e delirante festa de luz, de perfumes, de cores, que enche os ares que vejo, através as folhas que decoram o quadrado de minha janella, estampados no oiro da luz, como gottas palpitantes de uma nova vida de uma vida que se multiplica e renasce da embriaguez do sonho. No convavo de minha mão sinto que as frases escriptas entumescem num soluço, como a pelle que se enfuna numa empolha, ao calor de uma queimadura; lá fóra, ha um grande riso feliz, que rola á gandaia, pela colcha azul do céu, que cabriola, pelos ares, empanpanado com os malizes do triumpho e da festa; que dança nas aguas; que dorme á sesta na relva florida.

No entanto a carta em que soluça a alma de uma amiga, devia ter sido escripta com a mesma luz, que numa manhã de novembro, escreve o epithalamio do céu e da terra; é de uma amiga que se casou ha dois mezs... Lede-a, portanto:— "Minha querida amiga: Conlaste-me, um dia, que em uma de tuas viagens, com teu marido, não me recordo em que paz, visitaste uma cidade, onde tudo era de oiro. O ar, as cascas, as folhas das arvores, o pelo dos animaes, as penas das aves, o cabelo das mulheres, a pelle dos homens... Tudo de oiro claro, a febrilnar ao sol, numa visão de magia, que deixava o viajante deslumbrado. Era uma cidade de sonho, uma cidade fantástica, que parecia ter o sol em seu seio, uma cidade como se vê aos oito annos, nos contos das avózinhas e na qual mais tarde se adormecia, na puberdade, após o primeiro olhar, o primeiro aperto de mão, o primeiro sussurro, que nos revela o amor.

Lembro-me bem que, quando extasiada e quasi incredula, te disse o meu desejo de nella viver os meus dias de noivado, para que encantadas corresseminhhas nupcias, respondeste-me, a sorrir, conduzindo-me a maior surpresa, que essa cidade tão linda, onde tudo se parecia aqecer na mesma fantasia, era antes uma cidade de morte, do que de vida. Não era, de facto, a vida, quem doirava as coisas, o ar e as gentes, mas sim, a morte, que allí se fabricava, e que, antes de abater os homens, lhes dava um momento de illusão que queima as fanelas e embriaga as almas. Era uma cidade occupada por grandes fabricas de explosivos militares, á base de acido picrico e era este acido, que devia espalhar a morte, em massa, nos exercitos, quem dava ao ar, ás coisas, aos animaes e aos homens, aquella illusão doirada, disseminando-se pelo espaço, continuamente, das chaminés das fabricas e poando sobre todas as coisas da vida. Ao mesmo tempo porém, grandemente toxico como elle era, ia envenenando o ar, os animaes, os homens. Quem se deixava extasiar por aquella illusão, estava irremediavelmente perdido. Para livrar-se da morte havia que fugir para longe daquelle sitio, para onde já não existisse a perigosa chimeira e procurar, na vida real, o ar puro e sadio... "que tem menos oiro para o cerebro e mais ferro util para o sangue", dizias-me tú, com a tristeza de tua desilludida viuvez.

É o meu caso, minha querida amiga. Preciso fugir quanto antes e venho pedir-te agasalho, nessas terras reaes de Goyaz, onde foste encerrar as tuas ultimas illusões. Si soubesses como soffro, como sou infeliz! Dois mezes apenas de casada e o que era hontem sonho, oiro, festa, esperanças, tudo se transformou, de chofre, numa angustia de morte! Não fui passar meu noivado na Cidade encantada de tua narrativa. Nem por isso deixei de ver tudo de oiro, nos primeiros dias de meu casamento. Tive, como as demais mulheres que se casam, o grande minuto de sonho extasiado, e deixei-me por elle envenenar... Como era delicioso! Era mais lindo porcerto que os minutos que viveste na cidade encantada... Tudo florista num unico sorriso, numa unica felicidade, que só as almas contemplativas das mulheres sabem fruir. Tudo passou porém, e depressa, tão depressa como a fulminação de um raio! Escrevo-te ainda estremunhada e attonita, tão violento foi o desper-

tar. Encontrei no bolso de um paletó de meu marido, um bilhete de mulher... Dois mezes apenas de casada! Poderia ao menos ter esperado que terminasse nossa lua de mel... Um bilhete laconico, mas que, pelo seu proprio laconismo, diz-me toda a intimidade que entre elles existe. Vaes lê-lo:— "Espero-te amanhã, sem falta. Anna." É tudo e é o bastante, que coisa horivel! Sinto aquellas frases correrem-me o corpo todo, a desfiarme, com unhas agudas. Nunca mais... Nem que se elle venha a jogar a meus pés e repetir os juramentos com que me seduziu. Responde-me quanto antes, minha amiga. Diz-me que me darás asylo e salvação. Estou no caso dos moradores da cidade que me descreveste:— preciso fugir ao sonho, para que não me faleça a vida... Adeus." Leio de novo a carta, escripta com mão febril, occupando tres paginas com aquellas poucas frases. Minha pobre amiga! Meu pobre sexo!... Rolo o papel nas mãos. A vida... a vida... Lá fóra o céu tão azul, as folhas tão verdes de esperanças... Pobre Clotilde! Ha aquelleiros na vida que se desfazem, que deixam voltar o sol! Mas este... Dois mezes apenas de casada!... Volto distraidamente o papel. Ha um post-scriptum no verso, que eu não havia visto, colhida como fui pela dolorosa surpresa das primeiras paginas. "Minha querida: Felizmente meu marido explicou-me tudo. Anna não é mulher:— é um homem, um amigo de meu marido, que se chama Santa-anna e que se assigna Anna... Foi o que elle me explicou. Uma coisa tão simples, e eu sem atinar!... De preguença te de escrever uma nova carta, vae esta mesma, com este addendo. Verás por ella, tú que escreves sobre a alma feminina, como nós somos tantas, como nos deixamos convencer pela primeira futilidade... Pensar que o Santanna era mulher! Não te rias! Todas nós somos assim. Não te rias e perdão-me de um grande crime:— Quando li o bilhete pensei em primeiro lugar, em ti... Si não estivesse tão longe! Dizem que a gente é sempre traída pela sua melhor amiga e tú és a minha melhor e mais querida amiga!... Adeus, querida. Não quero perder um só minuto de meu marido. Não podes imaginar como elle se multiplica em carinhos para comigo, depois da minha bobice! Foi melhor, assim, não achas? Que continue tudo doirado, ainda que se viva menos! Adeus"

Anna Rita Malheiros

13
19

A GRAÇA FÍSICA

Multíssimas jovens casadas, desde o dia seguinte ao do casamento, não tornam a importar-se absolutamente nada com os seus vestidos nem com a sua pessoa.

Que abandonó estúpido de si mesmas! que ofensa ao marido! Pois não é elle o único cujo sufrágio temos a consultar? E ousam apparecer-lhe diante dos olhos desleixadas e sem graça, ao passo que se enfeitam demodadamente para se apresentarem aos olhos de um estranho!

Mas procurarmos agradar áquelle que amamos, isso figura no numero das atenções que lhe devemos. Por isso, desde a hora do casamento até ao fim da vida cumprem-nos valorizar todas as nossas vantagens e corrigir todas as imperfeições, para nos conservarmos agradáveis.

E' uma maneira de lhe testemunharmos o nosso affecto. E isto lixongueia-lhe o amor-próprio e torna-lhe mais querida aquella cuja ambigão é encantar-lhe os olhos e o coração.

Dirão algumas mulheres: «Mas eu sou demasiado orgulhosa para usar de ardis; quero ser amada em respeito a mim mesma e tal como sou». Todavia, este esforço que eu exijo de vós nada tem que possa rebaixar-vos: é não tem a dignidade moral tudo a ganhar com o realce da personalidade física? A primeira vista, uma mulher cuja maneira de vestir é censurável, inspira coiza muito diferente do respeito, porque se vê bem que ella não soube vencer a sua preguiça.

Demais, o nosso estético, do qual não excluiremos um orgulho bem entendido, é não nos leva a oferecer um aspecto gracioso... e decorativo, como se diz, — á vista de todos e, por maioria de razão, áquelle que muito vos desgostaria, ainda que não fosse senão por orgulho, perder a ternura?

Interrogi a vossa consciência. Não preferis lançar os vossos olhares sobre as coisas mais artisticas, sobre os seres mais nobres, sobre os espectáculos mais bellos? Pois os que vivem ao pé de vós tem os mesmos instintos, e por isso não lhos ofendais nunca.

Outras mulheres hão-de pensar que esta garfide é obra do inferno. Mas, visto que Deus quis que a humanidade conhecesse o amor, não pode reprovar estes meios, de mais a mais honestos, de o conservar no matrimónio. E, lá quanto ao mais, as pessoas mais austeras, contanto que sejam inteligentes, vos affirmarão que são permitidos os cuidados do adorno do corpo, que é a habitação da alma.

Acêrca do amor, disse Montaigne:

«Certamente, as pérolas e o brocado algo confirmam néle.»

Ora, pode a gente agradar e fazer-se amar, sem pérolas e sem brocado. Mas é com a condição de ser elegante... o que é possível em toda a simplicidade, — e de tomar cuidados constantes e assíduos com a sua pessoa.

Estes cuidados estão ao alcance de todas; não há nenhuma que não possa vestir-se com gosto, seja qual for a sua situação de fortuna, não vos peço nenhum luxo, nem tanto é preciso para que um marido vos ache encantadoras.

Não tenho maior desejo tampouco de que passeis todo o vosso tempo com a toilette.

Basta que consagreis aos deveres da limpeza — sobretudo a principio — os instantes necessários. Assim, os cabelos não haveis de penteá-los pouco mais ou menos, nem o penteado o *abalhoareis á pressa*, mas tampouco vos haveis de demorar na contemplação do cumprimento e da abundancia da cabeleira.

Não haveis de querer que vos falte um botão nas botas, mas como pendereis antes para a simplicidade nos enfeites, seja qual for a fortuna que possuais não se dará o caso de gastardes horas a ataviar-vos. Se nascestes desleixadas, conseguireis vencer a vossa indolência por meio de esforços continuos.

Pois que! para fazerdes empalidecer de despeito uma amiga todas vos arrebicais, para vos encontrardes com desconhecidas, quereis ser correctas e sedutoras, e por attenção com vosso marido não haveis de dar-vos ao minimo incómodo?! Para pordes cá fóra a ponta do nariz, precisais aperlar-vos, pôr os alfinetes, perfumar-vos, e em casa haveis de mostrar-vos com um vestido sujo ou róto e não vos inquietar com a medonha desordem dos cabelos ou com o mau estado do calçado?! No só não gostarias de arranjar uma desgraciosa disposição do vestuário, mas, o que é mais grave, arriscar-vos-íeis a tornardes-vos repugnantes, em consequência duma incuria verdadeiramente culposa!

Seria ignorar por completo a sciência da vida; Há pelo contrario mulheres encantadoras que levam o desejo de agradar ao homem amado até ao ponto de pruscureverem da sua toilette a côr de que elle não gosta, de adoptarem o penteado que elle declara preferir, e de usarem da melhor vontade o vestido cujo corte e cujo tecido lhe agradam mais. A flor que elle preferir ou que recorda qualquer doce lembrança torna-se o principal adorno delas e abandonam a joia que elle criticou...

Contou-me uma formosa viuva pensionista que seu marido se loucava com um lenço de algodão para dormir. Este lenço não tinha feito diminuir o amor que ella lhe tinha, mas ella tivera a prudência de nunca apparecer em papélotes diante d'elle. Renunciara aos caracóis e fizera muito bem! as mulheres que enroscam os cabelos em engenhos de frisar arriscam-se a fazer a maior das tolices!

«Que escravidão! — exclamava uma mulher... independente. «Que juízo! — pensava eu. E, com effeito, aos olhos de quem é que nos importa sermos bonitas? Não é por amor daquele junto de quem caminhamos na vida que devemos desearjar a beleza, mesmo relativa, e até segundo o seu ponto de vista particular d'elle? E' um meio de conservarmos o seu amor.»

O aplauso dos outros homens nunca deveria poder compensar as censerias do unico a quem devemos a nossa ternura. E pelo que diz respeito á outra gente, uma única preocupação deste género é permitido á mulher casada: é a de se apresentar muito bem vestida, de modo que faça honra ao homem de quem usa o nome.

Nada pode inspirar melhor a confiança numa jovem esposa e conquistarlhe respeito, do que vê-la prender os cabelos com cuidado — quando se lhe desarranjarem — pelas horas em que o esposo amado há-de recolher a casa, e do que vê-la tirar o vestido, limpo, mas trazido já há muitas horas, para vestir outro, mais fresco, mais justo e que assente melhor.

Gostam de dizer que, quanto aos outros, se importam apenas de ser irrepreheensíveis no que diz respeito a cuidado e limpeza, e que reservam toda a sua garfide (santa garfide!) para aquelle que tem direito a todos os seus pensamentos.

A mulher intelligente não se limita á elegancia do vestuário; cultiva também a sua pessoa física. Mesmo quando trabalha, tem meios para conservar ás mãos a sua macieira, a sua branura e a sua finura. Deve poupar a côr do rosto, lustrar os cabelos, velar pela conservação dos dentes e, ou seja pelo exercicio ou por um regime dietético apropriado, impedir que o corpo se lhe deforme, quer tomando proporções muito desenvolvidas, quer emagrecendo.

Sabe que ser bella não é a sua única obrigação, mas que é uma das suas obrigações. Conservando os seus dotes naturais e aumentando-os, ella desempenha uma das partes do seu papel no mundo.

B. Staffe

UMA THEORIA DO EXITO

TODAS as existencias, ainda as mais frustres, parece terem uma hora feliz, isto é, de sorte excessiva e inesperada, durante a qual os destinos se comprazem em satifazer, com a simplicidade dos velhos *trucs* de theatro, as nossas mais loucas phantasias. Não tem outra habitação as grandes fortunas e as grandes categorias sociais. O successo chega de subito, uma manhã, quando ninguém o espera e derrama a corneolgia das suas graças sobre a fronte dos eleitos. O arbitrio caprichoso da sorte revolta aquelles para quem a hora da veia ainda não soou; mas ao mesmo tempo os reconforta com a ideia de que a sua hora hade chegar tambem, cedo ou tarde, e com um premio conquistado á loteria do acaso pela persistencia na habilitação.

Partindo do principio de que não ha pessoa celebre que não tivesse edificado a sua celebridade sobre os favores arbitrarios do destino, um grande jornal parisiense dirigiu uma circular a todas as notabilidades contemporaneas, nas sciencias, nas letras e nos sports, convidando-as a dizer qual fora a sua hora de veia. As respostas foram porem muito desencontradas, porque nem todos comprehenderam a pergunta do jornal de Paris. Os profissionais dos sports arriscaram, como, por exemplo, os aviadores, consideraram como hora de veia aquella em que lograram escapar a perigos mortaes. Não entenderam que a hora da sorte, que o publico tinha interesse em conhecer, era aquella em que o exito viêra, de subito, trazido por circumstancias que á primeira vista pareciam insignificantes e insusceptiveis de comportar o successo.

Os literatos traduziram melhor a *heure de veine* de que lhes falava o periodico. Para uns, a sorte consistiu no conhecimento fortuito dum grande escriptor, que os apresentou ao publico e lhes mostrou a via da gloria. Para outros, essa hora foi aquella em que, sob a influencia duma inspiração que nunca mais se repetiu, escreveram a pequena obra prima que os impoz ao mundo das letras. Para outros, enfim, a sorte manifestou-se sob formas familiares a despeito de interesse; tal o caso de J. B. Rosny, amavel romancista, que attribue o successo litterario ao seu casamento e o de alguns humoristas que filiam o seu exito em circumstancias que só podem ter uma ligação remota com o triumpho dos seus meritos.

O inquerito em questão não apresenta resultados concludentes. A maioria das respostas que affluiram ao escriptorio do quotidiano estão impregnadas de convencionalismo. Uma celebridade contemporanea, por mais desprovida de modestia que seja, nunca attribuirá o successo a outra cousa que não seja o seu genio. Tristiphou porque devia triumphar. Ganhou a batalha porque poz em acção todo o seu talento. Jamais um grande homem se resignará a confessar que a sua ho-

ra de veia se manifestou em circumstancias tão independentes do seu merito como da sua vontade. E, todavia, são essas circumstancias que precisamente caracterisam a veia. E' pela sorte, e não pelo merito proprio, que podemos ser amados por uma rainha, tirar o primeiro premio na loteria ou entrar na Academia... Todo o nosso talento seria inutil para determinar qualquer desses factos.

O que não pode ser perfeitamente esclarecido pelo inquerito do jornal francez é muito melhor determinado pelo conhecimento exacto da vida de alguns grandes homens, cuja notabilidade foi devida a um golpe de sorte, uma hora de veia. Napoleão, por exemplo. No momento da campanha da Italia, havia vinte geraeas que o preferiam legalmente para o commando do exercito de operações. Uma circumstancia fortuita fez recahir nelle a escolha. Napoleão parte para a Italia e, quando regressa a Paris, é para ser coroado imperador. Thomaz Edison, descalço e sujo, vendia jornaes nos primeiros trens que circularam de Nova-York a Chicago. Entrar em duas estações, descobre num dia monotonoo de chuva e de neve, certas applicações da transformação da energia electrica. Esse minuto de inspiração repentina foi o seu momento de veia. Sahu delle para a celebridade e para a fortuna. Quantos casos semelhantes poderíamos citar, se os não dispensasse a erudição do leitor! Mesmo entre nós, verificando a origem das nossas grandes fortunas industriaes, agricolas ou immobiliarias, é facil remontar até essa hora da veia, esse que a sorte entrou sem cerimonia num lar, installou-se nelle e nunca mais o abandonou.

A theoria da veia é terrivelmente desmoralisadora. Torna inutil todo o esforço continuado e suprime o estimulo ao trabalho. A paciencia e a fadiga perdem o seu valor deante da cegueira da fortuna, que procede pelo capricho e não pela justiça. De que serve o esforço, se só a veia nos conduz ao exito? Esperando de braços cruzados a hora do capricho da sorte, sempre economizamos trabalho. A probabilidade duma recompensa justa ao trabalho é minima na actual organisação da sociedade. Nunca o salario, por mais elevado que seja, pode resgatar o producto fabricado. Nunca o lucro está em relação com a energia dispendida. Trabalhar é empobrecer. Esperemos tranquilamente o minuto unico, o minuto da fortuna e agarremol-o pelos cabelos, como se agarrar um naufragio prestes a afogar-se. Esse simples e decisivo gesto conceder-nos-ha o que, pelo trabalho persistente, nunca alcançaríamos. Tal é a philosophia da *heure de veine*, inquinaada evidentemente do sombrio fatalismo dos arabes.

Contudo, esta philosophia, sem embargo do seu providencialismo musulmano, é bem latina. Vive no nosso sangue e domina-nos. Preferimos

arrancar do acaso o que, com menos segurança, obteríamos do trabalho proprio. Ega, no *Mandarin*, fala-nos dum pobre diabo, que faz todos os esforços compatíveis com a sua mentalidade e com as suas taras ethnicas para conquistar os favores da sorte. Joga fielmente na loteria, reza a Nossa Senhora e desentranha-se em medidas sablamente estudadas e em magnificas lisonjas deante dos grandes da terra... Parece uma caricatura, esse pobre diabo; e é um typo verdadeiro e esplendido da nossa raça. Somos nós proprios. E' toda a gente. O genio do *Mandarin*, supersticioso tanto na pobreza como no fastigio da fortuna, vive em potencia no nosso espirito.

Certamente, o successo favorece algumas vezes o trabalho, a persistencia na fadiga, o dispendio continuo da energia. Mas porque preço conquistamos esse lote da fortuna? Pelo preço duma vida de renuncias, de privações, de sacrificios, duma vida, enfim, que não é vida. Não concebemos que especie de existencia possa ser a daquelles que vivem pobremente para morrer nadando em riquezas.

O prazer de accumular avaramente cabedaes, de consumir os mais bellos annos da existencia sem ter conhecido os mais puros gozos que embriescem, dignificam e poetisam a vida, parece-nos absurdo. Chegar ao mesmo tempo á fortuna e ao tumulo, eis um ideal tão estúpido como amesquinizador da nossa superioridade de homens civilisados. E' tão verdadeira esta degradação, que o avarento, embora encastellado num throno de milhões, nos inspira instinctivamente repulsa, desgosto, nojo. Invejamos talvez o seu dinheiro, mas nem com a segurança de o obter imitariamos a sua vida.

A sorte é mais delicada. Distingue-nos sem nos impor a degradação como preço dos seus favores. Em geral, todos a accusam de injusta enquanto ella favorece somente os outros. Resignamo-nos a acreditar na sua mysteriosa e insondavel equidade quando os favorecidos somos nós. Quando ella vem, não procedemos como o avarento ou mesmo como o trabalhador incaucavel e economico, para o qual a fortuna é uma causa de enghenhas torturas e de preocupações de todo o momento. Recebemol-a como se já contassemos com ella. A posse duma fortuna devida á sorte não nos desorienta nem nos atemoriza. Não muda os nossos principios nem transforma a nossa philosophia. Representa o pectulo certo que esperamos do acaso. A continuidade de gozos que essa fortuna nos promete não nos inspira inquietações porque a visita da sorte esclarece-nos sobre a existencia dum patrocínio desvelado e secreto do destino sobre nós. Fugitidos da veia, havemos de ser tratados por ella com sollicitos e mimosos cuidados.

GOMES DOS SANTOS.



JUNTO DE MINHA MÃI

(INÉDITO PARA A REVISTA FEMININA)

Eis-me Junto de Ti, na minha terra amada,
No meu berço querido; e que alvoroço o que
Entra a minha alma, como um raio de alvorada,
Defrontando a *Cotinga*, olhando o *Itiberê*.

Meio século de dôr, com angústia e com ancia,
Das minhas illusões entre os fataes escombros,
Eu venho despejar sobre a afastada infancia,
E de um Atlas maldito alliviar os meus hombros.

Ah! de tua bondade o captivante exemplo
E' um consolo do céo, tornando-me melhor:
— Bemdito seja Deus, que de tua alma um templo
Fez, banhado de luz, com luz em derredor...

Alma de culpas limpa e de peccados fôrta,
Que sobre mim caiste — alma de MãI tão pura!
Como um raio de sol em lóbrega masmôrra,
Como suave clarão sobre uma sepultura...

Este nome de MãI é como o de Saudade:
Um de rima não sabe, o outro não se traduz;
Como se desse amor e dessa divindade
Quizesse Deus fazer do coração a luz.

O amor de MãI, é sempre o mesmo amor, aquelle
Que envolve o filho, ou bom ou máo, no mesmo manto,
Seja o que o mundo acclama, ou o que o mundo repelle:
— Assassino, ladrão, bandido, ou justo ou santo...

Quando cerca a minha alma um resplendor funereo,
E enche o meu coração uma melancolia
Triste como o cair da tarde em cemiterio,
E' no teu santo amor que encontro pouso e guia.

Com os teus, eu confundo os meus cabellos brancos;
Prata e neve! porém tão cheios de luar,
Que a gente fica, ó MãI! como sobre barrancos,
A alma olhando o passado, em scisma, a meditar...

Amor de MãI — pharol; amor de filho — um barco
Entre escolhos; amor de MãI — lyrio, harmonia;
Luz sagrada, que, do alto, a redourar o charco,
Rasga as nuvens, a faz da noite alçar-se o dia...

Se o Senhor me chamar antes de Ti — saudosa,
As tuas santas mãos cerrem os olhos meus...
O' lagrymas de MãI! — escada luminosa
Que prende a terra ao céo, e as almas leva á Deus!

Leoncio Correia.

O FILHO DA AMA

A AMA era uma rapariga linda, e sadia a valêr; o rosto della irradiava juvenil alegria. Os dentes pareciam perolas finas, os olhos brilhavam como diamantes, diamantes risonhos; nas dansas os pés mui breves saltavam com maravilhosa ligeireza; infelizmente os pensamentos della eram ainda mais leves.

Apesar de ouvir bons conselhos, deixou-se seduzir por um aventureiro, que em breve

E o seu continuava em casa do coveiro; lá poucas vezes assobiavam as chaleiras; em compensação não faltavam as más palavras. Estava quasi sempre só, ninguém se importava dos seus gemidos; chorava até dormir; quando se dorme não se sente fome nem sede; o somno é a melhor das invenções.

Erva ruim não a cresta a geada, diz o proverbio; o filho de Lisbeth não o desmentio. Cresceu, cresceu sem conhecer a mãI; o coveiro recebera dinheiro para guardar o segredo.



... o condezinho continuou sentado,

ocupando-se apenas com sua noiva...

a abandonou. Nunca mais houve noticias de tal homem.

Anna teve um filho, forte e sã criança, mas, diga-se a verdade, muito feia; a mãI sentiu vergonha do seu fructo, e encarregou da criação a mulher do coveiro, sua vizinha. Depois entrou como ama de leite em casa duma condessa.

No opulento palacio deram-lhe um quarto elegante, deram-lhe tambem vestido de velludo e de seda.

Então fez-se exigente e embirrenta, como succede muitas vezes ás amas de leite.

Não accitava observações, a minima contradição atacava-lhe os nervos.

O pequenô era delicado como um príncipe, bello como um anjo; ella consagrava-lhe todos os seus cuidados e caricias.

Acabada que foi a criação do filho da condessa, despediram a ama, que foi morar na cidade, onde se fez passar por burgueza honesta, vivendo das suas rendas; bem vestida, melhor tratada, toda donairoza, e abandonando o filho á sua desgraça, como o pai a havia abandonado.

O coveiro tirava do rapaz todo o possivel partido. O filho de Anna Lisbeth passava na terra uma vida dura, sem vislumbre de esperança; sempre maltratado, supportando frios e chuvas sem um queixume; e como era feio, muito feio, todos os rapazes da aldeia motavam delle; ninguém o amava.

Mais tarde entrou como grumette numa chalupa miseravel, e ahí encontrou novos sofrimentos. O arrais embriagava-se frequentemente, e em taes occasiões o rapaz sofria uma chuva de pancadas.

O rapaz parecia ter nascido sob as estrelas más. Um dia estourou um vendaval, o arrais mal podia aguentar o leme, e de repente uma tromba enfiou-se no pobre barquinho e o fez voltar já sem governo.

— Jesus! meu Deus! gritou o rapaz; e chalupa, arrais e grumete, tudo mergulhou na voragem. Ninguém presenciou o terrível sucesso, só as galvoas e os peixes poderiam referir alguma cousa.

Nem um fragmento ficou boiando à tona de agua, para indicar o sitio onde o filho de Ana Lisbeth havia perecido; de mais, a ninguém fazia falta, ninguém sentia saudades delle, ninguém o havia amado!...

Ana Lisbeth vivia na cidade; muita gente a tratava por *minha senhora*; gostava de contar a historia da sua mocidade, de quando habitava no palacio da condessa, e andava de trem, e conversava com baronessas e damas muy distintas. E não faltavam elogios ao filho da condessa; era o seu caro amor, lindo, lindissimo, um verdadeiro anjo.

— Hei-de ir ver o meu menino, e o grande palacio campestre onde passei tantos dias de esplendor, disse ella uma vez. Elle ha de lembrar-se ainda de mim, daquelle tempo em que me estimava tão ternamente, e me rodeava o pescoço com os bracinhos brancos de neve. Sim, hei de vê-lo em breve.

Partiu, e depois duma jornada longa, ora na diligencia, ora a pé, chegou á nobre residencia da condessa. Os criados eram-lhe estranhos, nenhum ouvira falar de Ana Lisbeth.

Depois de ter esperado por muito tempo na ante-câmara, um criado lhe abriu a porta do salão, e ella entrou. O condezinho estava em companhia de sua noiva.

A dama aristocratica recebeu-a muito bem e dirigiu-lhe palavras muito amáveis; o condezinho continuou sentado, occupando-se apenas da sua noiva. Olhou friamente para Ana Lisbeth, sem proferir uma palavra, deixou-se abraçar por ella com indiferença, desviando-se logo um pouco, e saindo em seguida.

Aquê está o acolhimento que ella teve da sua maior afeição, da criança amada de que se sentia tão vaidosa. Retomou o caminho da cidade, sem poder conter as lagrimas pela indiferença desta criança, que jámais lhe esquecera, que dia e noite, por muito tempo, trouxe nos braços.

E de subito um grande corvo, negro como azevilho, crocitant em asperos gritos, veio pousar num ramo á beira da estrada.

— Ah! que mau agouro! murmurou ella, parece mesmo que está a gritar comigo; que desgraça teremos? E pela mente passaram-lhe negros pensamentos: e sentiu calafrios por todo o corpo.

Pouco depois passava ella ante a casa do coveiro; a mulher, que estava assentada á porta, disse-lhe: — Como estás sábia e bem conservada, Ana Lisbeth! tens passado boa vida, sem cuidados e sem misérias.

— Nem sempre, nem sempre.

— Nunca mais houve noticias da chalupa, nem do grumete, continuou a mulher do coveiro; afogaram-se, é o mais certo; e tenho pena, porque o rapaz, continuando aquella vida, podia de vez em quando mandar-me algum dinheiro.

— Ah! julgas que morreram afogados? disse Ana Lisbeth. E passaram logo a outro assumpto.

Ana estava resentida pelo frio acolhimento do condezinho; nada disse porém á mulher do coveiro; queria que toda a gente julgasse ainda que ella estava em intimas relações com o aristocratico palacio.

E de subito appareceu outra vez o corvo com o seu crocitar lugubre.

— Esta ave negra quer-me mal, anda hoje a presenciar-me, disse Ana Lisbeth, inquieta e nervosa.

A mulher do coveiro preparava o café, e Ana, deitando-se no canapé, em breve adormeceu.

Viu então, no sono agitado, pela primeira vez, aquelle de que nunca sonhara: o filho de suas entranhas, que nesta mesma casa havia soffrido fome e pancadas, e que repousava agora no fundo do mar, sabe Deus onde.

Parecia-lhe que um rapaz, alto e robusto, quasi tão formoso como o condezinho, abria a porta e dizia:

— Ah! vem o fim do mundo, segura-te bem a mim, tu és minha mãe! No paraíso ha um anjo que só quer salvar-te, segura-te bem, para que elle te leve para o céu.

E sentiu-se abraçada pelo mancebo; mas logo começou um grande ruído como se o mundo baqueasse, e o anjo elevou-se para o céu, sustentando-a pelas roupagens. Então começou uma luta tenaz, pois ao mesmo tempo que o anjo tentava levá-la para cima, uma grande multidão de mulheres a segurava pelo vestido, loucas desesperadas e clamando em tumulto:

— Nós queremos salvar-nos tambem, seguremo-la bem, não a larguemos de modo nenhum.

Por fim rasgaram-se as roupagens e Ana Lisbeth viu-se abandonada do anjo, despenhada em fundo abysmo... e nisto acordou de repente, porque ia caindo do canapé abaixo. De tal modo se perturbaram aquellas idéas, que a dizer a verdade, não poderia contar o sonho extravagante; todavia estava cheia de desconolo, de vago, inexplicaveis sobresaltos.

Ana tomou uma chavena de café com a mulher do coveiro; partiu logo, para não perder a diligencia; chegou tarde comtudo; e só no dia seguinte partiu outra carruagem. Não quis, porém, passar a noite em casa do coveiro, e como havia um esplendido luar, resolveu caminhar a pé pela estrada da beira mar.

Na campina nem o minimo ruído; nem o coaxar das rãs, nem os assobios das corujas, nem mesmo o brando marulhar a espaços das pequenas vagas. Naquelle silencio singular havia um tanto de solemne, de lugubre.

Ana Lisbeth caminhava; seguia resoluta, sem duvidar, a estrada da beira mar; a principio sem pensar em cousa alguma detidamente; os pensamentos, porém, nunca abandonam completamente a cabeça humana; ás vezes parecem adormecer, mais nada. Ha muitas pessoas sempre tranquilas porque sabem que nada tem a temer das leis, da justiça do seu país; não pensam nas contagens severas que tem de prestar ao supremo juiz de suas boas ou más acções, até das mais occultas. Ana Lisbeth era de tais pessoas; passava por pessoa honesta e boa e isto lhe era bastante.

De subito parou para ver um objecto que destacava na praia; era um chapéu velho, provavelmente arremessado pelo mar.

Depois de por um instante ter mirado o chapéu começou a caminhar e estacou de novo ante um objecto mais singular; julgou ver um corpo dum homem estendido sobre uma pedra comprida; um calafrio de terror lhe estremeceu o corpo todo; tentou fugir; as pernas tremiam-lhe. E nada havia que temer, era apenas a sombra duns canchãos altos projectada pelo luar.

Minutos depois conheceu a illusão, mas já o pavor se apoderára della, e agora os pensamentos excitados concorriam todos para esta impressão fatal.

Em criança ouvira falar dos fantasmas do mar; das almas em penas, cujos corpos, não tendo sido enterrados, appareciam aos viajantes, agarrando-os para que os levassem ao cemiterio e cobrissem de terra sagrada.

— Segura! Agarra! gritavam sempre os lugubres fantasmas.

Esta lembrança recordou-lhe o pesadelo, o grito das mães que a tinham segurado, a criança querendo levantar-se no momento supremo. Seu filho, a criança que ella nunca amára, que havia esquecido, e que havia perecido tão miseravelmente no naufragio, não poderia voltar como espectro e bradar tambem: — Segura! Agarra! leva-me para a terra sagrada?

Estes terriveis pensamentos caíram como marteladas no coração de Ana Lisbeth; a custo respirava; in-

quieta olhava o mar; uma nevoa espessa surgia dahi, vinha rodear as arvores, os arbustos, dando-lhes aspectos inesperados.

Olhou para a lua, e o astro melancólico pareceu-lhe agora frio-e esqualido como um rôsto cadaverico; e no silencio noturno do mar e da campina surgia, sim, surgia agora, uma voz indefinida, nem grito, nem gemido, mas pronunciando rapida, constantemente:

— Segura! Agarra! leva-me para a terra sagrada. Seria á alma errante de seu filho? da criança nunca amada que se afundára no mar?

Ana Lisbeth apressou o passo, a nervosa, febril, insensata; resolveu-se a tomar a direcção da igreja, talvez ahi encontrasse a paz; tentou seguir o caminho mais curto; então sentiu um peso sobre os ombros, e a tal voz, agora mesmo proxima do ouvido, a murmurar, como no sopro do arranco, a repetir sem cessar:

— Enterra-me, enterra-me.

A desgraçada tropeçou, rojou-se, e por um bocadinho de joelhos. Se o túmulo fôsse o esquecimento de tudo, ella mesma teria aberto o seu túmulo. Levantando-se viu então quatro cavalos relinchando, vomitando fogo pelos olhos e ventas; puxavam um carro ardente e no carro la assentado um malvado senhor que, havia um seculo, muitos crimes cometera naquelle sitio.

Era o sentimento religioso combinado com o terror que produzia esta visão.

Todas as noites, á hora dos fantasmas dizia a tradicção, elle entrava assim no velho castelo, e o seu rosto, em vez da palidez da morte, era escuro como carvão. Passando acenou a Lisbeth, cheia de pavor, dizendo-lhe:

— Segura-te! em breve te esquecerás do filho e poderás andar como eu nesta carruagem bronzada.

Impellida pela coragem do desespero, desatou a correr e entrou no cemiterio. Estava coberto de cruces e de corvos negros como azevilho, que ao luar, agora fraco, apenas se podiam distinguir.

— A mãe dos corvos, olhem a madrastra, crocitaram as aves funebres, avistando Ana Lisbeth.

Um pavor immenso se apoderou da miseravel; temia ser mudada numa destas aves se a sepultura não fosse aberta logo. Deitou-se sobre o solo e começou a abrir a cova; a terra estava dura, em breve tinha as mãos ensanguentadas. O queixume do fantasma murmurava sempre nos ouvidos, receava ouvir o cantar do galo ou ver o primeiro raio do sol, porque em tal caso ficava perdida.

Ora ao cantar do galo, ao romper da aurora só estava vazada a metade da cova; sentiu uma gelida mão pousar-lhe sobre a fronte, e outra no coração.

— Metade duma sepultura! não basta, murmurou um lamento.

Era a voz do espectro que logo se sumiu no fundo do mar.

Ana Lisbeth caiu sem sentidos; ficou como morta. Nessa manhã dois camponeses a acharam assim; não no cemiterio, mas na praia, junto do mar; a miseravel fizera um buraco na areia e tinha os dedos feridos pelos seixos.

A pobre mulher teve prolongada enfermidade; as angustias da consciencia, despertada pelo temor de Deus, transformaram-lhe a cabeça; acreditava ella ter só metade da alma; o filho havia-lhe arrebatado a outra metade lá para o fundo do mar; sem ella não poderia a misera entrar jamais no reino da graça.

A custo a reconheceriam agora; só falava no espectro do mar, que devia enterrar em sagrado, para ganhar a sua alma; muitas vezes passava a noite a beiramar, á espera do fantasma, e, um dia, desapareceu.

Na tarde desse dia, quando o sineiro entrou na igreja, á hora da oração, viu Ana Lisbeth de joelhos ante o altar. Estava fraca, muy curvada; mas os olhos luminosos, o rôsto risonho, e os ultimos raios do sol, caindo sobre a biblia aberta, fizeram sobresahir estas palavras do profeta Joel:

— « Rasgai os vossos corações e não as vossas túnicas, lembrai-vos sempre do Senhor. »

— Foi acaso, dirá alguém; mas ha muitos casos como este.

Contou ella depois que durante a noite lhe apparecera ainda a alma do filho.

— E' verdade, ouvira ella, que tu só me cavaste metade da sepultura; mas, faz agora um ano que me sepultaste inteiro no teu coração, e é ahi que as mães guardam bem os filhos.

E entregando-lhe a outra metade da sua alma a conduzia á igreja.

— Agora, acrescentou ella, o rôsto sereno e meigo, agora estou na casa do Senhor, onde se é sempre feliz.

Quando o sol mergulhou no horizonte, a alma de Ana Lisbeth subiu a morada onde nada temem os que se arrependeram muito e muito padeceram.

H. C. Andersen.

Os nossos Concursos

XV. CONCURSO — Offerecemos uma assignatura annual, gratuita, de nossa REVISTA, como premio, aquella de nossas leitoras que nos enviar a melhor traducção, em verso, dos versos seguintes:

LE ROI ET LE BERGER.

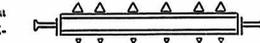
*Un roi, rencontrant un berger,
S'avisa de l'interroger:*

*« Ça, combien gagnes-tu? — Mais autant que vous, Sire,
— Autant? Je veill, et non sans rire,
Le souverain j'ais-moi ton compte — J'est fort clair:*

*« Que m'importent les grasses sommes?
Je conds a des moutons, vous conduisez des hommes,
Et nous gagnons tous deux le ciel — ou bien l'enfer.*

J. M. Villefranche.

PS. — A commissão julgadora será composta pelos nossos brilhantes colaboradores, os festejados poetas Amadeu Amaral e Cyro Costa, dois nomes consagrados em nossas letras.



EXPEDIENTE

ASSIGNATURA ANNUAL — 7\$000

As assignaturas podem começar em qualquer mez terminando um anno depois no mez correspondente.

Todas as pessoas que tomarem uma assignatura da REVISTA FEMININA para 1917 terão direito ao nosso numero extraordinario do Natal.

Toda Sra. que nos arranjar 10 assignaturas terá uma assignatura gratis.

Avísamos as senhoras assignatas cujas assignaturas terminam neste mez, que devem mandar reformal-as quanto antes enviando assim que seja suspensa a remessa da REVISTA.

Toda a correspondencia destinada á REVISTA FEMININA deve ser dirigida a Da. Virgínia de Souza Salles, directora da Empresa Feminina Brasileira, Rua 15 de Novembro, 33, São Paulo.

A REVISTA FEMININA precisa de bons agentes em todas as localidades do Brasil.

PARA TINGIR OS CABELLOS

Podemos annunciar ás nossas leitoras que com grandes esforços, conseguimos obter mais nobres e mais preciosas de PÉTALINA, o admiravel e mais famoso preparado, que tão grande successo está fazendo em todo o Mundo e que dá ao cabelo uma linda cor, desde o castanho claro, até o negro azevilho. Os pedidos devem ser acompanhados da importancia de Rs. 10\$000, inclusive 500 réis para a despesa do correio.

GENEALOGIA PAULISTANA:

Do Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme, com a descripção das principaes familias de S. Paulo. A venda á Rua da Liberdade, 47.

À NOSSA REVISTA

MAIS UM TRIUMPHO. — INAUGURAÇÃO DA NOSSA SEDE NO CENTRO DA CIDADE

PELO desejo de melhorarmos sempre nossa querida publicação e de cada vez mais propagar sua leitura, installamos nosso novo escriptorio no centro da cidade, á rua 15 de Novembro, n. 33. É mais um sacrificio que impuzemos em beneficio de nossas leitoras, apesar de todas as difficuldades com que temos lutado nos tres annos de existencia da REVISTA e esperamos que nossas generosas collaboradoras, compre-

horas de nosso expediente, que se prolonga de uma ás cinco da tarde. Pretendemos, dentro em breve, organizar, em nosso escriptorio, matineés gratuitas de arte, que se realizarão uma vez por semana e para tal fim, estamos em entendimento com os nossos melhores poetas e escriptores.

Infelizmente, devido ao luto de nossa directora, não pudemos festejar condignamente a installação de nossa



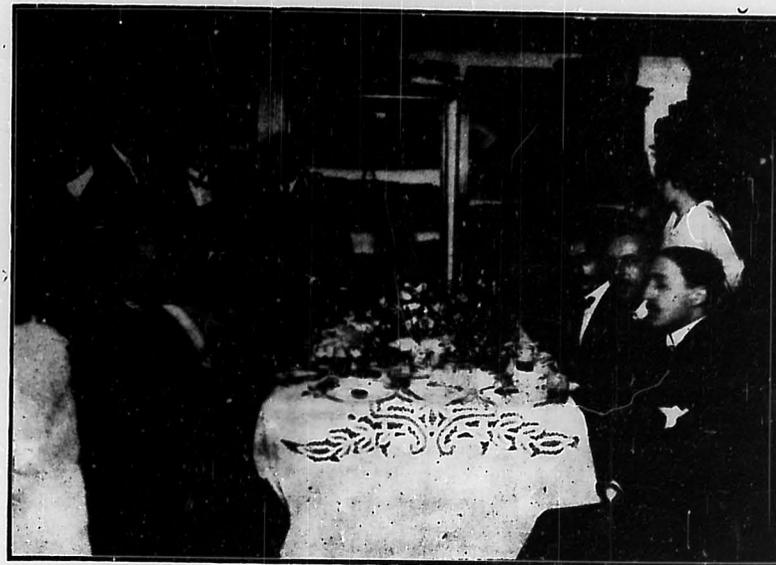
SALÃO DE NOSSA DIRECTORA no dia da inauguração. — Nossa directora está sentada á direita, junto á palmeira. O primeiro á esquerda é o seu espazo, nosso director commercial, sr. João Salles.

hendendo o alto alcance de nosso programma e o desinteresse com que temos procurado realizá-lo, venham em nosso auxilio, propagando, connosco o nome da REVISTA. Nosso novo escriptorio compõe-se de tres amplas salas, com annexos destinados á remessa e correspondencia. Além da sala de redacção e da bibliotheca, installamos uma sala, contigua ao escriptorio de nossa directora e que fica á disposição das nossas leitoras, como um ponto de palestra e de leitura. Até agora não havia no centro da Cidade um ponto de repouso para as senhoras: temos agora o prazer de collocar nossa sala de recepção e nossa bibliotheca, á disposição de todas as senhoras que nos queiram honrar com sua convivencia.

NOSSA BIBLIOTHECA se compõe de algumas centenas de livros, especialmente dedicados ao nosso sexo, á par de obras de historia e de litteratura romantica. Nossas assignantes poderão servir-se gratuitamente della, nas

nova séde, limitando-se a cerimonia á enthronisação da imagem do S. Coração e á benção das salas, pelo exmo. Rev. mo. Monsenhor Dr. Benedito de Souza, vigario geral da diocese, que nos trouxe palavras de applausos do Sr. Arcebispo Diocesano.

A ornamentação das salas esteve a cargo da conhecida loja de flores «Hortulania Paulista», cujo bom gosto não é necessario salientar, e que a cujos proprietarios agradecemos a amavel sollicitude com que se houverem no desempenho desse encargo. Compareceram ao acto grande numero de senhoras e os mais festejados homens de letras desta capital, tendo-se feito representar toda a imprensa diaria e nossos collegas da *Cigarra*. Após a cerimonia foi oferecido um ligeiro «lunch» ás pessoas presentes, tendo sido nossa REVISTA brindada, em belos e eloquentissimos improvisos pelos nossos collegas J. Machado, Dr. René Thiollier e Dr. Cerqueira Mendes.



SALÃO DA BIBLIOTHECA, durante o lunch, no dia da inauguração

Uma das mesas de lunch. A direita veem-se os representantes dos Jornaes diarios. Á esquerda, o director do ECHO, o poeta Julio Cesar da Silva, os escriptores Dr. René Thiollier e Arthur Cerqueira Mendes. Ao fundo um grupo de dedicadas amigas e collaboradoras da REVISTA

Recebemos innumerables telegrammas de felicitação e entre elles destacaremos os de nossa chronista D. Anna Rita Malheiros e o de D. Bébé de Mendonça de Lima, actualmente em Paris, telegrammas muito carinhosos, que nos commoveram pelas palavras de vibrante animação que exprimiam.

As nossas gravuras reproduzem alguns dos aspectos da inauguração e entre ellas figura a reproducção photographica de parte de nossa edição de outubro, que attesta o desenvolvimento que temos dado á REVISTA, conseguindo uma tiragem avultada, sem reclamas, sem ruido, com um trabalho persistente, modesto e infatigavel. É com orgulho que registramos que a REVISTA FEMININA é a primeira publicação de senhoras que em toda a America do Sul consegue tão largo desenvolvimento e que, em tão curto prazo, se firma definitivamente.

Devemos o successo de nossa publicação não sómente ao trabalho abnegado do grupo de senhoras que, desde o primeiro numero, não tomamos desfalcimentos, como tambem, nos esforços de nossas dedicadas



Um exemplar de cada uma das edições da REVISTA.

Nossos primeiros numeros, sahiram com quatro paginas apenas, em formato de jornal, sob o titulo A LUTA MODERNA, como se vê na collecção acima, de 1 e 6. O que foi a o que é a nossa REVISTA!... Em tres annos de esforços conseguimos que a nossa REVISTA seja o primeiro magazine, no genero, da America do sul e com uma edição de 15.000 exemplares!

colaboradoras do interior de nosso Estado e dos outros Estados da federação, por uma obra que não tem nenhum fim commercial e que foi creada, com o alevantado escopo da intensificação da cultura feminina, tão abandonada em nosso paiz. Tudo o que temos apurado até aqui tem sido empregado em melhorar nossa publicação; o mesmo pensamento nos guiará de futuro. Quanto maior for nossa circulação tanto melhor e mais util será a REVISTA, até que possamos realizar nosso sonho de dotar o Brazil de um magazine feminino, que rivalize com os melhores da Europa.

Uma nova assignatura, ao menos, entre suas amigas, para que cada vez mais se affirme, a nossa tão negada capacidade...

Agradecemos profundamente penhoradas as palavras de animação que nos foram trazidas e esperamos que nossas leitoras, capacitadas do futuro que espera nossa REVISTA não poupem esforços em seu favor.



SECÇÃO DE REMESSA - Grande parte de nossa edição de outubro, na hora de seguir para o Correio.

Fallecimentos



D. Eulina de Souza Guimarães

Nos ultimos dias de setembro, quando já nossa edição de outubro sahira do prelo, deu-se o fallecimento de D. Eulina de Souza Guimarães, dilecta irman de nossa directora e extrema esposa do sr. Antonio Monteiro Guimarães Junior, funcionario superior da Secretaria do Estado do Interior. Foi um facto que a todos nós encheu de dor, porque D. Eulina era um desses typos admiráveis de senhoras paulistas, que reunia todas as virtudes e todo o brilho de sua raça e que no decurso de sua existencia, infelizmente breve, só soube captar sympathias e crear affectos, pela sua bondade sem par, que não deixava, á sua passagem, uma lagrima por oxugar, uma dor por consolar, uma miseria por socorrer. Espirito firme, educado

nos severos principios que, inalteradamente foram sempre o apangio dos seus maiores, emprestou durante annos o concurso de sua cultura, ao serviço publico, tendo feito parte da turma do professorado que remodeiou os methodos de ensino em nosso Estado. Já ha annos privava o Estado de seu concurso, dedicando-se exclusivamente a seus filhos e ao seu lar, que vivia enforrado pelo seu sorriso constante de alma boa, de alma pura, de alma santa.

Falleceu como uma mãe christã - entre os seus e com a assistencia da Igreja. Concorridissimo foi o seu enterro ao qual compareceram o dr. Secretario do Interior, pelo seu representante, os funcionarios da Secretaria do Interior, commissão da Irmandade do Carmo, a nossa Revista, e grande, muito grande numero de pessoas, de nossa mais grada sociedade.

Ao seu desolado esposo enviamos si bem que tardiamente, pela dicta de appreciamento de nossa publicação, os sinceros pezames de todo o pessoal da Revista Feminina.

DR. GARCIA REDONDO

E' com a mais profunda maçon que trazemos ao conhecimento de nossos leitores a noticia do fallecimento do Dr. Garcia Redondo, um dos mais scintillantes dentro os nossos colaboradores. O Dr. Garcia Redondo era um dos 40 membros da Academia Brasileira e a sua obra litteraria, sempre modesta, sempre despretençosa, é vasta e brilhante, constituindo um dos melhores capitulos do nosso patrimonio intellectual. Alem de suas excepcionaes qualidades de artista, fez-se notavel o Dr. Garcia Redondo, como engenheiro civil, deixando seu nome ligado a grandes e notaveis emprendimentos e construcções.

A nossa Revista deve a Garcia Redondo as primeiras frases de estilo que nos vieram manter a energia, na luta contra os formidaveis obstaculos com que tivemos de enfrentar, junto aos preconceitos que traziam acorrentado nosso sexo á uma rotina retrograda e inaceitavel.

Muitas vezes o tivemos junto á mesa de redacção incitando-nos a que não esmorecemos na campanha que elle chamava "o sublime apostolado da reivindicacão do direito de pensar no coração que sentia". E na sua synthese superior elle perorava, discorrendo sobre a capacidade feminina e sobre a bi-lateralidade dos direitos da vida, communs a um e a outro sexo. Sua palavra nos veiu, assim, muitas vezes, consolar das ironias de muitos daquelles que escarneciam de nossa tentativa, e que, hoje, nos applaudem, como sempre se applaudem, os vencedores, após a victoria.

Desde nossos primeiros numeros tivemos a collaboração assidua do eminente mestre, que se não envergonhava de assignar suas produções e de declaralas de especial collaboração para a nossa Revista, que era então composta de 4 paginas! O' l'fimamento a modestia que o victimou, prohibiu-nos de sua preciosa collaboração. Ainda ultimamente, de Santos, onde elle se achava em tratamento, enviou-nos um cartão, entusiasmado com a nossa victoria completa, que elle pronunciara e promettendo-nos, que logo que melhorasse, reentecaria sua collaboração. Infelizmente sua morte prematura faz-nos ora, depositar sobre seu tumulo uma sentida lagrima de amizade sincera, de gratidão e de imperceptivel apreço, pelo escriptor, pelo profissional e sobretudo pelo seu coração, de superior bondade. A Nossa Revista compareceu ao seu enterro e enviou á sua familia a expressão de seu pesar.

TRABALHOS DE SENHORAS



Com um chapéu velho, de palha, de vossso marido, que devia ser jogado fóra, fazal esta linda cesta. O fundo é o fundo do chapéu, envernizado a vossso gosto.

Um outro lido modelo de cesta de costura, feito com raffia (vide nosso numero de janeiro, trabalhos de raffia, e coberto a seda.



Nos dois cantos superiores da pagina duas lindas bolsas de crochê velho, assim utilmente aproveitadas. Ao centro um necessario de costura, feito com a armacão de duas velhas cadelas de branco. Duas outras bolsas ao lado. A direita uma delicada coberta para prato de doce. Diversos outros modelos de cestas e bolsas.



Cestinha em crochê. Bolsa de costura, de fitas. Embaixo, uma linda almofada. Uma toalhinha de chá. Um outro modelo de cesta.



BORDADO INGLEZ



A toalha deste desenho, de 1 metro de lado, é de rico efeito. Um entremeio de 5 $\frac{1}{2}$ centímetros divide o centro em 5 partes: — Um quadrado e quatro triângulos. Um outro separa-o da tira de enquadramento bordada com uma renda. O fundo é em toile. O desenho compõe-se de uma espécie de vermicelli, á inglesa, em tiras, nos refolhos do qual se escondem quadradinhos á inglesa, cortados por uma tira transversal festonada. Rosaceas são bordadas ao plumetis, depois «evidétes» e atravessadas por tiras viradas.

TRABALHOS FEMININOS

Fazem-se as pequenas pétalas da dahlia com quadradinhos de seda de 4 e de 3 centímetros.
Os quadradinhos de 3 centímetros são para o centro e os de 4 centímetros são para a circunferência. Dobra-se em duas partes e dobra-se em duas partes mais.

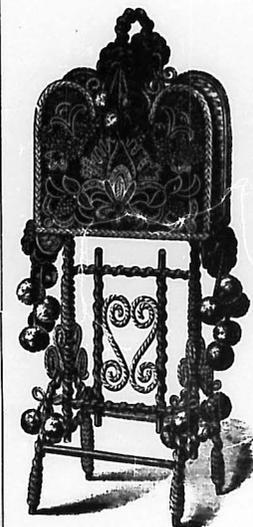
FLORES DE SEDA FEITAS À MÃO — DAHLIAS



Costura-se as pétalas umas nas outras e quasi ao mesmo nível, porque a dahlia tem somente uma ligeira elevação no centro. Para se manter mais firmes as pyramides, põe-se um pouco de algodão no interior. Forra-se em baixo com seda verde.

As folhas são feitas com fita verde. Corta-se a folha ovada, com 11 centímetros de comprimento sobre 4 de largura.

Dobra-se ao comprido e costura-se pelo avesso. Vira-se e franze-se ligeiramente ao centro. Coloca-se então um arame bem fino para fazer a haste.

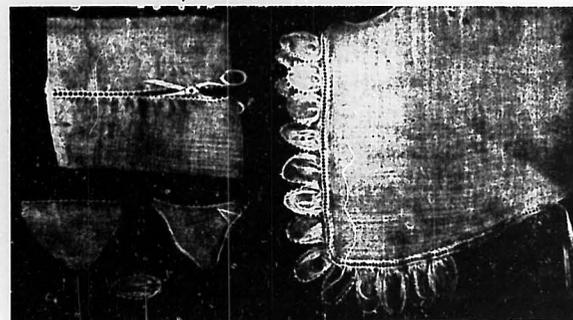


PORTA JORNAL

mais leve e de betume. Bordado es a parte mais parte com corão de ouro, parte com um fio de lã duplo de diversas cores.

gona. Dobram-se depois os angulos dos lados duas vezes um sobre os outros e apertam-se na base com alguns pontos.

São necessarios 10 pétalas para uma flor de 11 centímetros de diametro. Emprega-se de preferencia o setim fino e macio. Formam-se o centro com um grupo de tres pétalas, em torno das quais vão-se arranjando as outras pétalas em círculos regulares e gradualmente ampliados.



Mostramos de utilizar o ponto a jour, formando folhas que servem para arremate de qualquer trabalho em lã. N. 1 modo de cortar o ponto a jour para formar as pontinhas. N. 2 triângulo cortado. N. 3 ensina como se franze. N. 4 folha resultante do franze.

Os arabescos são feitos com lã e seda da mesma cor a ponto raso, a ponto de espiga e ponto albatroz. Corta-se o paninho pelos contornos do desenho. Fixa-se o bordado sobre o paninho azul ligeiramente acalado e depois costura-se sobre a armação.

A MODA

Recebi, de uma das leitoras desta secção, o seguinte bilhete: «Mademoiselle Marinette — Peço-lhe que me desculpe pela paulificação... Fiz ponto na leitura e fui ao dicionário; não encontrarei acuella palavra. Adeante: «... pela paulificação que lhe vou cascar...» Cascar? Dicionário: Dar, bater. Entendo agora: — Cascar, paulificação, ou seja, dar, bordoadas de cego!... O começo da carta não era animador, principalmente para quem nem mesmo em pequena, foi «cascada», ou «descascada». Toquei o telephone para o poeta Fifi. — Fifi está ahí? — Esta, mas está occupado... Chame-o, com urgencia, ao aparelho! Diga-lhe que sou eu: — a Marinette. — Sim, senhora, mas é que elle está fazendo uma coisa que ninguém pôde fazer por elle... — Heim?... hein?... — E', sim, senhora. Está tirando o retrato! — Ah, bom. Diga-lhe então que, em seguida, venha até cá. Continuei a ler a carta: — ... que lhe vou cascar, mas a senhora é «camarada» e já deve estar callejada com as «perobinhas...» Desta vez não percebo nada! Adeante: «... Não vê que uma «ostrinha» aqui da «zona» está fazendo «figuração» e dando uns «alamirés», com sua secção de modas da REVISTA. A senhora não se deixe «estragar» com a «cavação», mas «apite» pela sua secção, porque aqui na «zona», não ha rato de cinema- quem é a tiririca e do que ella é capaz. Previna-se ou então, ella lhe faz um bruto enterro».

Fiquei a tremmer... Era uma ameaça séria de assassinato. E porque?... O que escrevi eu nas hobbies anteriores desta secção? Fui ao dicionario e procurei as palavras: zona, figuração, almirés, estragar, piririca, fazer cavação e enterrar. Traduzida para o portuguez, a carta dizia o seguinte: «Senhorita Marinette. Peço-lhe que me desculpe pela bordoadas de cego que lhe vou dar, mas como a senhora é amiga, já deve estar acostumada com sovas de madeirinhas de lei (perobinhas, familia das bigno-



Ultimos modelos de saias

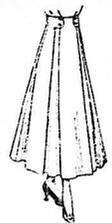
arbusto que serve para fazer chapéus (tiririca). Previna-se ou então ella lhe faz um bruto enterro! — Li de novo a carta assim, traduzida para o portuguez. Adeantou-me um pouco, mas fez-me quasi desmaiar pelo portuguez e pela ameaça de meu enterro! Só não desmaiei, porque a creada me veio trazer o chocolate e é de má gosto desmaiar, antes do chocolate.

Nos ultimos goles surgiu esbafarido o apaixonado Fifi. Viera a correr, assustado, com minha telephonada, tão matinal. De-lhe o bilhete a jêr e preveni-o: — Estou aqui, estou morta... meu bom Fifi. Vá fazendo, desde já, alguma economia para o luto... Fifi leu o bilhete e entendeu-o logo. E' um privilegiado. — Então só por isto, a senhora prega-me um susto tamanho? — E' você achá pouco? O meu assassinato... o meu enterro... — Ora, minha amiga, aprenda a lêr portuguez. O que está aqui escripto é simples: Ha ahí num bairro da cidade uma rapariga que anda a dizer que é ella a Marinette, que é ella quem escreve a secção de modas da REVISTA e a missivista

niaceas). Não vê que um molusco acephalo (ostra, aqui da porção de superficie da esphera comprehendida entre dois planos paralelos) a zona está fazendo figura dos astros (figuração) e dando uns «alamirés» (não ha no dicionario, com sua secção de modas da REVISTA.

A senhora não se deixe pôr em mau estado (estragar), com o revolver da terra (cavação) mas apite pela sua secção, porque aqui na superficie da esphera etc., não ha rato de cinematographo, que não saiba quem é o

ULTIMOS MODELOS DE SAIAS



Tafelá bordado e com plissé da mesma e mangas de musselina da mesma cor. Modelo de «La Saison»

pede-lhe que declare, pela mesma secção, que a outra não passa de uma intrujona. — Mas então o enterro, a cavação, a peroba... Eu fui ao dicionario... — E' portuguez moderno... Os dicionarios são antigos. Já não servem para agora. E até logo... — Já vae, então? Não quer um chocolate? — Não, muito obrigado. Tenho pressa. Deixei minha effigie encrencada no fixador... — Ah!... — Quero dizer: — Deixei a chapa com meu retrato no banho de fixação. Até logo. Fica pois feito o aviso pedido pela minha leitora: — Marinette sou eu. Falo portuguez antigo e não gosto dessas «encrencas» comigo. Vejamos agora o que ha sobre modas. Presentemente a moda não é portadora de surpresas, pois a novidade hoje é tirada das riquezas do passado. E' isso por tal forma se passa que a predileção por tudo que pertence a epochas passadas, têm um valor extraordinario e junto a um sentimento e a um gosto novo, tem feito nascer uma moda cheia de uma graça original. Nella se encontra novamente o rococo, o segundo Imperio e o estylo de 1830, que são fielmente copiados mesmo em innumeráveis detalhes delicados, que muitas vezes

em desharmonia aparente, constituem um conjunto dos mais alegres. Como tínhamos pre-



VESTIDO DE ORGANDY BRANCO BORDADO (Modelo da Casa «La Saison»)

visto, com as saias amplas e curtas, as graciosas jaquetas curtas têm ha muitas que vão quasi até os tornozellos e apresentam um comprimento razoavel e aceitavel para senhoras de toda a idade. Que a saia curta fique somente para as mocinhas. O corpinho usado com essas saias é a maior parte das vezes, feito em musselina da mesma cor, em tulle claro ou renda de tom antigo. E' quasi sempre recoberto por fazenda cortada em forma de collete, plânção ou babado, podendo se passar da cintura (nos vestidos para moças) indo se perder sobre um alto cinto corset. Vestidos de estylo mostram fi-

folho na beira, desfilados ou com uma banda de seda ou de fita, se ostentando, sobre um ou dous circulos de elastico, fixados na saia, fazendo um o efeito de uma crenollina. Observa-se entretanto que cada casa de modelos procura de uma ou de outra maneira, produzir a amplidão. Em quanto que umas se servem de circulos e de outros meios, outras, procuram dar a amplidão simplesmente por uma abundancia de fazenda. Usa-se guarnecer a barra da saia de um grande folho duplo da mesma seda, impedindo que a barra da saia de cima se dobre. O numero de guarnições é infinito. Cordões cobertos com fazenda, falbás e tofós de fita plissada, applicadas em linha recta ou formando ondulos graciosos, nos antigos taes como traziam nossas mães e nossas avós, na primavera de nossa juventude, são a alta moda. Nossa predileção para o estylo turco manifesta-se por algumas saias muito

fofa na barra, assentadas sobre um fundo bem mais estreito, com a guarnição da barra lisa, lembrando as calças das mulheres turcas; vistas de perto ellas não são senão uma variante da saia dupla, de um efeito incontestavelmente chic e original.

Em geral as saias são um pouco mais compridas que até agora; ha muitas que vão quasi até os tornozellos e apresentam um comprimento razoavel e aceitavel para senhoras de toda a idade. Que a saia curta fique somente para as mocinhas. O corpinho usado com essas saias é a maior parte das vezes, feito em musselina da mesma cor, em tulle claro ou renda de tom antigo. E' quasi sempre recoberto por fazenda cortada em forma de collete, plânção ou babado, podendo se passar da cintura (nos vestidos para moças) indo se perder sobre um alto cinto corset. Vestidos de estylo mostram fi-



Elegante modelo americano. Forro de setim branco, com rolinhas prateadas. Sobre-saia de tulle cor de carne. Para dar o tom na «toilette», uma rosa, ou um cravo cor de rosa, na cintura, com tiras pendentes de setim azul, dobrada de velludo.

chês abrangendo todo o busto, largas gollas de renda vaporosa enmoldurando as espaldas.

As mangas chamam toda a nossa atenção. A novidade assemelha-se a uma forma remontando a uma duzia de annos atraz: a ampla manga de cima, cahindo livremente, do cotovello, vai se perdendo longa sobre a manga justa. Nota-se todavia que geralmente as mangas tornam-se de mais a mais largas e fôfas, e que sua linha de junção em quasi todos os modelos se encontram a meia altura do braço. Punhos e hombreiras presas ao corpinho, sobretudo com fo-

lhos no alto, favorecem extraordinariamente. Com quanto a manga com-prida esteja dominando, confeccionam-se vestidos leves, vaporosos, de estio, com meias mangas que se harmonizam perfeitamente com as saias fôfas. Uma linda reminiscência de 1830 são os corpinhos decotados com longas mangas a *gigot*, e completadas, segundo o estylo por um estreito cinto de fita com as pontas fluctuan-tes, e com nós, abotoados na frente ou do lado.

Os tecidos para o proximo verão são molles e flexiveis de uma elegancia e frescura seductoras. Em primeiro lugar sempre o tafetá, liso de xadrez, listado, estampado e bordados; *failles* e tafetá branco, atravesado de fios de fitas de setim e de grupos de listas pretas, são de grande moda. Em tecido lavavel o organdy occupa o primeiro lugar. Os tons das cores modernas se apresentam entretanto mais lindos que nunca. Para as cores escuras usam-se o azul, o verde, cinzento ardoria e vermelho corinthio; para cores claras, os deliciosos tons pastel em azul velho, rosa velho, verde mar, champagne, amarelo claro, e lilaz.

Mariquette



EVOcando...

Fil esbanjei o meu amor contigo,
Esse amor que entender tu não pudeste!
Filma angulosa! Eu fui como o cypreste
Que chora em vão á beira dum jazigo...

Foi pelo inverno quando -- o azul celeste
Occulto em bruma -- andandô eu sem abrigo,
Uma nesga do céu pelo postigo
Vi dos teus olhos, por que o sol me déste.

Rendi-te então minha alma inteira escrava:
Luz e calor no teu olhar sentia
Quem, a tremer de frio, suspirava...

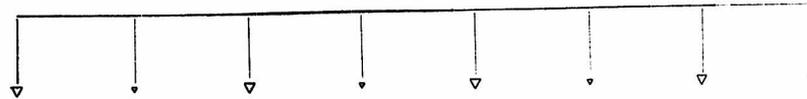
Victima, emtanto, fui de atroz cilada:
Quiz aquecer na tua esta alma fria
Mas achei a tua alma enregelada!

(PARA A REVISTA FEMININA)

MARIUS COELI.



A MODA PARA CREAÇAS
TOILETTES
PARA
ESCOLA



MARIA MANOELA

"Meu amigo". — Escrevo-te num estado de excitação que me assusta. Os meus nervos estão evidentemente doentes, — e eu preciso de socoçar, de repousar, de tratar-me. Ora ouve, Tu conheces o meu escriptorio, não é verdade? Lembra-te, decerto, daquelle contador italiano onde meu pae guardava a sua colleção de esmaltes, — e onde eu tenho agora cartas de mulheres. Pois bem, hontem á noite, resolvi-me a arrumar-lhe as gavetas. Accendi o fogão — porque aqui, nesta lomba de serra beirôa continúa um frio de Dezembro — e metti-me ao

trabalho. Tanta carta de mulher, — para quê? Para quê, — se todas as mulheres que amam se parecem, e se todas as mulheres que mentem, — mentem da mesma maneira? Que eram aquellas cartas? Papeis inúteis. Talvez papeis prejudiciaes. Acudiram-me ao espirito as palavras do marquez de Lauzun: — "Nenhum homem correcto guarda as cartas de amor que recebe". Accendi um cigarro, — e comecei a ler e a rasgar. Não sei se te succede o mesmo a ti: a mim, o passado produz-me vertigens. A leitura dessas cartas, algumas antigas de vinte annos, deram-me, por vezes, a impressão de que me debruçava sobre um abismo. Desatei maços sobre maços. Emquanto a esses velhos papeis desdobrados se exhalava, como um halito de flores mortas, alguma coisa que não era airoza bafo e que não era já perfume, — as fontes latejavam-me, as mãos tremiam-me. Tive a impressão de que a minha propria mocidade se esvaia, como fumo, entre os meus dedos. Ca da uma dessas cartas, onde crepitavam manchas de lacre dobrado, acordava uma memoria de febre e de delicia, uma reminiscencia de volupta e de dor. Rasguei, rasguei, rasguei. De repente, ao desatar um novo maço, as mãos esfriaram-me, os olhos enevoaram-se-me de lagrimas. Era a primeira morte. Abri ao acaso uma das cartas, e, com o coração oppres-so, com os labios tremulos, principiei a ler essas palavras de recriminação

e de abandono onde parecia adivinhar-se já como que a grave impossibilidade de além tumulo. Pobre Maria Manoela! Tinha conhecido na vida o amor que queima e que perde, que envenena e que mata. Quem a assassinara? Talvez toda a gente. Talvez eu só. Não tive coragem para continuar a leitura desse papel, que me escaldava as mãos como um remorso vivo. La amachual-o, despedaçal-o como fizera aos outros, — quando num relance, vi em "post-scriptum", traçadas pela mesma letra agitada e febril, estas palavras que me gelaram: "peço-te meu amor, não rasgues esta carta". Dir-se-lia que, naquelle mesmo instante, a propria

mano. Quiz rasgar uma carta; tenho a certeza de que rasguei uma alma. Ao primeiro gemido outro se seguiu, — e outro, e outro, e outro. Para não ouvir, metti a cabeça entre as almofadas de um sofá. Inútil. Os gemidos da morta continuaram, estrangulados, afflictivos, lamentosos, em volta de mim, dentro de mim, toda a noite de hontem, toda a manhan de hoje, — e agora, mesmo, enquanto te escrevo, debruçado sobre a minha banca de trabalho, pallido de terror e de insomnia, escuto-os, adivinho-os, percebo-os, ouço-os ainda através do bulacio, que me rodeia, no vento que levava, nas vozes que cantam, nos sil-nos que tocam, e não sei para onde

hei-de fugir que os não leve agerados aos meus ouvidos, como um castigo, como uma obstinação, como uma fatalidade! Vou partir para ahi. Preciso de consultar medicos. Previne meu irmão. Nunca eu tivesse tocado nesses horri-veis cartas!

Teu pobre amigo, — João.

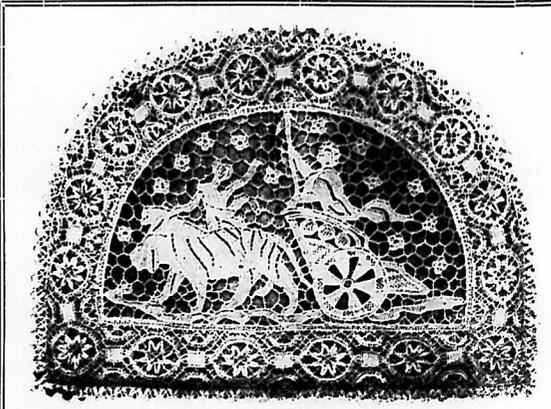
JULIO DAVIAS.

Para aformosear

as mãos

Logo que se acbe qualquer serviço grosseiro, lavar as mãos e passar gliceryna com agua de rosas. Deven se lavar as mãos em uma agua tão quente quan-

to possa supportar a pelle. Con-tem adicionar algumas gottas de amoniaco. Faça-se uso de um bom sabão e uma escova não muito dura; depois de bem lavadas enxu-gam-se numa toalha macia e friccionam-se com cold-cream. Feito isto, senta-se a gente numa cadeira comoda, procede-se as operações delicadas da limpeza e cuidado das unhas. Toma-se um palito achatado e en- dacha-se a pelle de volta das unhas descobrindo quanto possível o crescente branco que deve sempre appa-recer. Se a pelle estiver rochada ba- nhal-as em azeite doce. As manchas brancas que as pancadas provocam nas unhas desaparecem com uma applicação de uma pasta de myrrha e terebentina que se limpa pela ma-drinha com azeite doce. A forma das unhas deve seguir a dos dedos. Li- mem-se dos cantos para o centro.



ABAFADOR DE CÉA — (Em ponto de Veneza) — Fio muito fino, nº. 101. O desenho representa Apollo, em seu carro. O motivo é cercado de um entrelace em renda de Madagáscar, muito fino, de 5 centim. de larg. O outro lado pode ser mais simples: — Cupido, cullido uma flor, por ex. O motivo mede 10 cent. de comprimento sobre 7 centim. de largura. É inserido em um pedço de linho, muito fino, tendo as mesmas dimensões que o grande motivo de Veneza e cercado do mesmo entrelace. O conjunto será *exemplé* e applicado sobre um transpa-rente. Uma rendinha forna os bordos.

GRATIDÃO TARDIA

— OLARIO GOMES —

TODAS as manhãs, mal surgia o dia, estavam juntos no jardim, lestos e desvelados curando aquellas plantas que eram o maior cuidado do bom velho Miranda, incançavel e apaixonado que fora sempre pela botânica. Medico, com grande messe de beneficios nos arredores, conhecido e estimado de todos, reco-lhera-se, já ha um bom par de annos, á vida calma de casa, sempre, porém, com o habito de aproveitar as manhãs frescas e mal-surgidas, para os arranjos e cuidados do jardim. Tinha desvelos de pae extremoso para todas as plantas, acompanhava com interesse todas as suas phases de desenvolvimento, auscultava-lhes os sofrimentos, corrigia os vicios de desenvolvimento, minorava-lhes a miseria organica das que se mostravam mais molinas, amava-as em summa, como organismos vivos que são, e da sua vida e floração saía parecia-lhe ir alguma coisa á alma e alongando-lhe os dias que passava na desejada felicidade de uma velhice calma que só os bons parecem desfrutar.

Roberto, o seu unico e adorado neto, parecia completar-lhe a felicidade. Inteligente e docil, carinhoso para com o velho que estimava tanto, tinha apenas sete annos mal completos e uma manifesta dedicacão para com o objecto dos desvelos do avô. Acompanhava-o sempre, pelas manhas, desperto, vivo e presuroso, fol-gando e pulando ao ver uma roseira nova que abria para o céu em flores vivas, orvalhadas e tão frescas como as que Roberto trazia nas faces coradas e sadias.

E o dr. Miranda sorria, no seu bom sorrir, extravasava todo o contentamento daquelles dias felizes. Não lhe escapava ao espirito sagaz e experimental, a sensibilidade do neto, o interesse e sobretudo a facilidade com que retinha de memoria alguns ensinamentos que o bom velho lhe incutia na novel intelligencia, methodicamente, todas as manhãs. Eram lições de botânica rudimentares e precisas a cada o novo proposito que se lhe depara com uma pergunta simples, mas justa, de Roberto. O pequeno intelligente como era, já sabia algumas familias de plantas, distingui-a facilmente, e até guardava de memoria a época da sua justa floração. O bom medico revia-se no netinho adorado. Sua memoria recuava muitos annos e parecia ver-se então em tenra idade como aquelle que ahi estava diante delle, distrahi-do, entre roseiras em flor, innocente e curioso, indagando tudo com interesse que surprehendia o pobre Manoel, jardineiro da casa, que ficava pasmado de vel-o assim, e que explicava na sua lingua-

gem inculta o que podia, correndo logo a contar aos patrões o interesse e os milagres de memoria que o «doutorzinho, como elle dizia, lhe revelava guardando o que lhe dizia dias antes. Muitas vezes mesmo, o Manoel ficava sem poder responder-lhe, embaraçado, desejando ter aprendido «as direitas» para poder ensinar-lhe tudo como de-lhera-se, já ha um bom par de annos, ajuda qualquer e saia-se assim daquelle difficuldade de não ter aprendido «as direitas». Tudo isso ouvia ao bom espirito do avô que se apres-sava, então em beijar longamente o neto adorado, acariciando-o ternamente. E uma prece íntima elevava-se aos céos pela alma inculta e boa do infeliz Manoel, pelo muito que o tinha querido.

Nisto, vem Roberto pedir-lhe, triste e apressado, que salve uma roseira encostada ao muro de uma corrente de formigas bravas, que começavam atacar-a pertinazmente. E, vae o velho Miranda pela mão, sorridente e solícito acudir ao ataque voraz das formigas á roseira que o neto lhe aponta ainda de longe...

E as providencias tomadas pelo velho fastiaram as formigas, mas a roseira continuava indifferente, parecendo caçada, sem fazer prever que ia reitor de novo. Isto inquietava de novo aquelle novo coração, sen-sível ao mal da planta, receioso que ella morresse afinal, sem vel-a florir mais uma vez, como as outras felizes e cheias de vida. Na sua dedicacão não podia admitir que as plantas fenece-rem por fim. Tinha o delirio da vida, que o enchia todo na juvenil anciedade de que tudo exultasse da seiva na mais bella apothecose da Creação.

Uma manhã brumosa e triste, o bom velho que era o primeiro a des-perimentado, não o fez; e, Roberto então acudindo ao leito do avô, soube-o doente subitamente, indispôto a descer da cama, com palpitações fortes, respiração difficil, mas que dizia não ser nada, sorrindo bondosamente para tirar o neto da afflicção em que ficara, choroso e soluçante. Beijou-o demostadamente e pediu-lhe que chamasse alguém. E logo voltou Roberto trazendo pela mão a sua mãezinha sobresaltada e presta a acudir ao pai, medicando-o ligeiramente.

Passaram-se alguns dias tristes, sem que o velho melhorasse. Roberto, tristonho e abatido, não dir-ver as suas aquinhas, trazendo ao avô noticias desta ou daquela planta, frizando, porém, sentidamente, a indifferença da «roseira-ingrata», como elle chamava, que se mostrava ainda succumbida, parecendo-lhe querer fi-nar-se... Então o avô agarrou-o pelas

mãosinhas e beijando-as disse-lhe « que as plantas tambem depois de florirem e refflorirem, muitas vezes, caçadas, exhaustas, por fim, morrem como tu-do o mais.

Que elle mesmo, o seu vovô tam-bem tinha de sentir-se caçado, de morrer em breve, uma vez que o seu organismo se mostrava eshausto, que a vida lhe fugia. » E o neto chorou, e chorou muito, amado e tristoso com o que acabara de ouvir do velho. Sahu então, correndo ao jardim donde trouxe algumas mimosas viole-tas que o avô recebeu, procurando dissimular a tristeza que lhe ia n'al-ma. Respirava mal, dormia peor as noites e o dia passava em alternati-vas de febre. E o medico chamado não parecia minorar-lhe os soffrime-ntos parecendo conformar-se com elles... Numa manhã em que, como de cos-tume, foram acordar-lhe, encontra-ram-no dormindo placidamente, num dormir eterno; havia fallecido calmo-mente como um bom, sem ao menos despertar ninguém, pois que o deixaram naquella noite mais calma e mel-hor. E o neto aturdido, em lagrimas, já o beijou pela ultima vez, frio e in-differente á vida...

Estabeleceu-se a natural azafama dessas horas tristes, rodaram-no de parentes e amigos, e a noticia correu logo pela visinhança afóra, celêre, contrastando aquellas almas por quem tantos beneficios elle espalhara; em pouco a casa se enchera de semblan-tes tristes.

Roberto, num momento, saíra ao jardim, para trazer-lhe um ultimo tri-buto daquellas plantas as quaes ama-ram tanto o seu avô. Mas, ao colher as flores, com duas lagrimas ainda nos cantos dos olhos azues, como o céu immenso para onde se alára o vovô querido, lembrou-se da «ingra-ta-roseira» e ficou attonito de espanto ao vel-a ostentando como milagro-samente duas rosas sadias e rubras, como que num esforço supremo de uma gratidão demasiadamente tardia.

Os melchetonianos são muito escripturales sobre o numero de palavras e de letras que compõem o Alcorão. As palavras são em numero de 77,539 e as letras em numero de 323,315. A primeira edição, feita em Medina, contém 6,000 versos ou linhas, e as outras tem 200 ou 230 a mais. Ha sete edições prin-cipaes do Alcorão: duas em Mecca, uma na Mecca, uma em Kairo, uma em Bassora, uma na Syria, e a edição commum.

A lingua franceza, segundo os melhores calculos possui apenas umas 32,000 palavras diferentes, e o seu alphabeto tem só 21 let-ras, as quaes, pela sua transposição, offe-recem um certo numero de combinações, que o mathematico Tasquet calculou serem:

620, 448, 101, 733, 239, 439, 308,000.

LADY FUTILIDADE

Meu amigo. — Bons dias! Escrevo-lhe a correr. Ah! vai o seu André de Lordes. Horror! Mande-me Bourget. Acabei de tomar o meu banho, de polir as minhas unhas, de vestir o meu *trousseur* cinzento, e — que deliciosa manhã de primavera! — vou ao meu *fooling*. Deixe-me vêr que horas são. Dez menos vinte. Tenho vinte minutos para conversar consigo. Sabe? É preciso que você procure o Antonio. Acabamos. Ou antes, — eu acabei. *My, hi, hi; c'este fini*. Tinha de ser um dia, não é verdade? Foi hontem. Porque? Sei lá! Ainda ha de vir a primeira de nós, mulheres, que saiba ao certo a razão porque amou e porque deixou de amar. A você pode-se dizer tudo. Você não conta. Você é um pouco *l'amie des femmes*. Você conhece-nos muito melhor do que nós nos conhecemos a nós mesmas. Pois não é verdade, — diga-me? Não é verdade que o amor passa, — como passam as rosas? Se tudo é fugitivo, se tudo é transitório, se tudo acaba, se tudo morre, — como querem vocês, homens, que o amor dum mulher seja eterno? Quer que uma mulher ame toda a vida — é tão absurdo como querer que a primavera dure todo o anno. Amei o Antonio? Creio que sim. Pelo menos ha tres semanas, ainda eu estava convencida disso. Deixei de o amar? Deixei, — não sei porque, não sei quando, não sei como. A culpa foi delle? Foi minha? Não. Nem minha, nem delle. Foi da vida, — onde tudo é vago, onde tudo é mudavel, onde tudo é ephemero. Lembra-se daquelle phrase de La Bruyère, que você me disse ha um anno, ha dois annos — como o tempo passa! — diante do admiravel Durer das *Jeunilles Verdés*? "*Le commencement et le déclin de l'amour, se font sentir par l'embaras ou l'on est de se trouver seuls*". Como isto é verdade, meu amigo! Um dia, de repente — sei lá porque! — senti diante do Antonio esse inexplicavel constrangimento que principia quando o amor acaba. Comprehendi tudo. Estavamos á janella, num hotel do Estoril, olhando o mar. Uma atmosphera de tarde, tranquilla, dourada, imortal. Pesei-lhe as mãos pelos cabelos, tristemente e beijei-o na testa como quem se despede dum morto. Dahi por diante, sempre que ficavamos sós, eu sentia, com a evidencia das coisas irremediaveis, que nunca mais na minha vida teria que lhe dizer. É horrivel, não é? Horrivel para nós, para mim, para si, que nos habituamos a considerar o amor um sentimento que vive eternamente. Horrivel para todos aquellos que deixam de amar, — e que não encontram no seu coração, na sua alma, na sua vontade, um pouco de força, um pouco de coragem para confessar que já não amam. Eu tive essa coragem, eu tive essa força. Confessei. Disse tudo. Podia dissimular. podia mentir. Mas

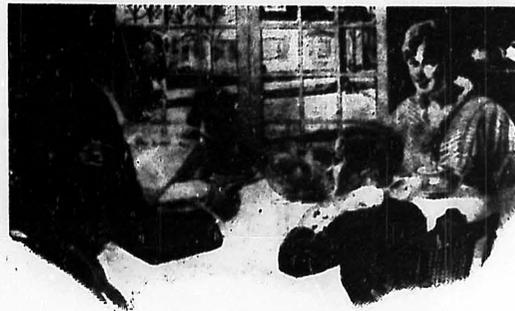


para que? O amor, para ser bello, não precisa de ser eterno. Para que, embaciado com um habito de mentira um sentimento que deve nascer e morrer — *en beauté*? Eu sei que vocês, homens, não pensam assim. Foram vocês que nos ensinaram a mentir. Dize-me, meu amigo: porque um dia amamos um homem, com toda a nossa paixão, com toda a nossa alma, — temos por ventura de o amar toda a vida? Oh, não! Não. Se eu até das minhas jóias me aborreço! Procure o Antonio. Fale-lhe, convença-o, diga-lhe tudo isto que eu lhe estou dizendo a si. É preciso que fiquemos dois bons amigos. Peça-lhe que não se mate, — que não torne a si-

trage com uma loucura esse breve sorriso. Para que, estragar uma coisa bella? Os homens, mesmo os mais intelligentes, têm, ás vezes — perdoe-me — a estupidéz do sentimento. O Antonio é como todos, — mas você elle. Dez horas! E o meu *fooling*. Adeus. Sabe? Tenho hoje partida de golf. Meu marido acordou dum mau humor insupportavel. Não se esqueça de me mandar Bourget. Sabe que eu tinha um grande desgosto se o Antonio se matasse? E os meus chapéus, que ainda não chegaram de Paris! Beije a mão de sua amiga — *Josephine*.

JULIO DANIAS

O MENU' DE MEU MARIDO

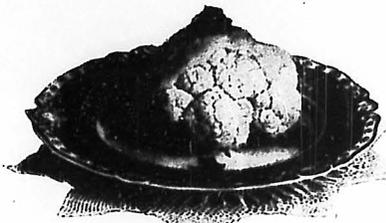


Um modo attractante e agradável de servir a couve-flor fria

O preparo das verduras é um ramo da arte culinaria a que acõmentado não se presta muita attenção, embora a crescente popularidade do vegetarianismo exija que elle seja incessantemente cuidado. Por exemplo, a dona de casa franceza considera com certo desdém as verduras que faz servir na sua mesa. Cozidas em agua, não lhes della sal sufficiente, apresentando-as calidas, imperfeitamente secas. As verduras são um prato que não lho merece attenção.

Tollemos aqui um novo modo de servir a couve-flor, que é um prato que varia agradavelmente á vista dum almoo ou dum jantar.

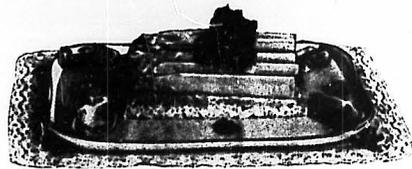
BOL MAGESTOSO — Batem-se muito bem duas chieiras grandes de assucar com uma dita de manteiga, juntasse 2 ovos batidos, sendo um sem clara, 1 chieira de leite, 1 de farinha, 1 de maizena e 2 de farinha de trigo, 1/2 colherinha de bicarbonato de sodio e 1/2 colherinha de cremor de tartaro. Isto pode ser substituido por uma colher grande de fermento inglez. Em forma untada de manteiga vai no forno quente.



Espargos á irlandeza

Deita-se o conteúdo duma latada de espargos em agua a ferver até que fiquem inteiramente cozidos; escorrem-se depois e envolvem-se num guardanapo até ficarem frios. Collocam-se num prato fatias de pão torrado humedecidas com molho irlandez; guarnecem-se com salsa e pedacinhos de tomate sem casca e servem-se como prato de lanche.

Faz-se o molho, misturando chieira e meia de molho branco com legumes picados; depois provase e passase por uma peneira; antes de misturar estendem-se por cima pedacinhos de tomate, cortados seis pepinos de conserva em rodellas, mas não completamente separados, como se fossem uma flor; collocase o pepino no centro de cada tomate, ompe-se com o molho que sobejar. Guarnecem-se com agriões ou salsa e servem-se immediatamente depois de preparado.



BOLACHAS DE AVEIA — Mistura-se 3/4 de chieira de farinha de arroz peneirada, com 2 chieiras de farinha de trigo, 1/2 dita de assucar, 1/5 de chieira de manteiga e 1/2 dita de agua quente, 1 colherinha de sodio. Mistura-se bem, abre-se folhado, cortando-se bolachas redondas. A massa deve ser um pouco dura, forno quente.

Taças de pepinos

Com uma faca cortam-se no meio e esvaziam-se dois pepinos, até apresentarem a forma de um copo, ficando o espaço interior inteiramente circular. A casca do pepino não deve ficar com grossura superior a uma polegada. A parte que se tira do dentro dos pepinos ajuntam-se legumes variados — cenouras, nabos, vagens atadas em molinhos, tudo cortado nos quadrados, e ervilhas verdes... e enche-se com o devido tempero. Deita-se depois dentro das taças dos pepinos o guarnecem-se com salsa.



SORVETE DE LEITE — Uma o mela garrafa de leite, 4 ovos inteiros, 2 1/2 chieiras do assucar, 1/2 colher grande de pedação de baunilha, 1 colherinha mal chieia de maizena. Faz-se ferver o leite com a maizena. Os ovos batem-se muito bem com o assucar. Quando o leite estiver fervendo en-

grossa-se com os ovos e deixa-se ferver um pouco mais, tira-se então do fogo e deita-se a baunilha. Depois de frio põe-se na sorveteira, assim que estiver quasi gelado cobre-se com cobertor e deixa-se endurecer.

PERDÃO

Estavam em flor as maravilhas, as grandes alvorços de mamangavas e de inchis pelas moitas: o zumbido geral corria sobre as ramas; atenuavam-se nelas, tremia de vagar pelos calices agitados; lançavam-se até as varizes, espraiando-se no raso das tijueiras. E no sol, muito ardente a essa hora, palpitavam causadamente as azas das borboletas.

O chico Anduva chegou à sombra de um mangue, pouco abaixo do areião da estrada, apouca-se, amarrando uma das reedas de sedenho de cabrito à arvore, trançou a outra no pescoço do baio, arrastou um tóro de madeira para o secco, sentou-se. Então, cheio de zanga e desanimado, poz-se a contemplar o matungo:

— Pra que é que tu presta, amarelho sem tutano? Não ando ainda tres leguas, já tu não pode mais, vai alagado num mar de suor, que até já me varou nas calças e me decórão a aba do ponche! E o resto das sete mineiras, que inda faltam, e é das leguas que dão cria? A minha sima será fazer pousada no meio do campo-coberto, esta noite, ver um cigano sem era nem heira?

O cavallo, dilatando pessoosamente as narinas, tinha um bater descompassado nos cascos e uma tremura nas arelas; erguia e descia a cabeça, com as orelhas acalanhadas e os olhos somnolentos; e às vezes, com impaciência de fraqueza irritada raspava as ferraduras pelo chão gramado e fresco.

Distrabido, assobiando, o Chico Anduva tirou do embranal um pedaço de fumo e uma boneca de palha:

— Arre! Graças a Deus que já posso fazer com socego o pito! enquanto em chipote este meu aparta-laralho, o dia ha de refrescar alguma coisa, por pouco que seja, e depois eu frecho neste estradião, que nem um relampago, e quero ver quem é que pôde c'ra minha vida!

Accendiu o cigarro e atirou para o ar as primeiras baforadas.

Tambem, nunca vi final mais chulé que baio, principalmente destes apafraandinhos, de cabos brancos, que não tenham sustancia nem p'ra escorar uma puxada de cinco ou seis leguas, que qualquer puldoro torcilho vença à tua! Isto é uma raça que não me entra! Nunca não tive fe' co'estes bonitezas!

Meio afrontado ainda, o matungo abriu mais os olhos, e estava a olhá-lo, como que admirando as curvas longas da fumaça azul; e naquella contemplação havia tamanha tristeza, que o próprio Chico Anduva teve pena delle:

— O pobre! Não aguenta mais nem uma quadra de caminho livre!

A fumaça ia subindo vagarosa, porque não passava nem uma aragem, até se confundir com as folhas escuras do mangue. Atraz della ia indo a imaginação do cavalleiro, com demoras e retardamentos aqui e além, perdía-se entre factos indistinctos ao longe, para voltar, pouco depois, feita saudade.

— Aquelle, sim! Nação de montar, como a de lação tostado não ha! Querem

que o ruço queimado seja o bom, e o matico o melhor, e no baio de cabos negros nem se fale; mas porém, p'ra mim, o lação tostado é mesmo o primeiro e o derradeiro. Quem madrugou, num tal, e viu apontar o dia, pôde ter a certeza que a noite fecha e fica velha e elle, ta amontadã ainda!

Espalhava no ar, com a apoteira, do relho, a fumaça preguiçosa:

— E o meu, então! Aquelle, sim. Aquelle, tava apartado! Não era como s'te punga desconsolado, que esquento o sangue cada passinho e me pretejo o coiração, de réiva! Lazo de calor e de talento, chegou até ali e parou! Mais não pôde!

A fumaça ficou menos clara, chegava ao fim do cigarro. E o Chico Anduva despertou o latego do soccado, afrouxou os bracos, e a manito, comoz tudo muito bem, arrochou muito bem tudo, fez mais fofa o cochonilha, afivelou a sobre-cincha:

— Olhe, seu melhosinho de não sei o que: chupel o meu aparta-baralho, vou pinchar o tóco fora, tou c'ra espirito allivado, não quero que tu me enfúze, outa vez! Dá-pi no rancho, agora, é um pulo: bamo romper com alma! Não afroixe nem conte lereia, que eu tenho os garfos nos pés e o fellecido na mão!

Ganhou os arreios, correu-lhe as esporas e fez cantar o relho. O baio deu um galopão, balanceado e bambo, e entrou a marchar difficulosamente, com um ronqueira na garganta e banhando-se logo. As orelhas caíram-lhe pesadas. E o Chico Anduva enfureceu-se:

— Ah! porqueira de amarelho! Tu não vale, nem as quatro ferraduras que eu te puz honte nas patas! Mas agora eu, tou de birra: havemo, de chegar no pouso, por bem ou por mal, faça chuva ou bom tempo, nem que chova canive! Tu quer ver de que pau é a canoa?

Mas o matungo, apenas arrancou para a frente, pegou a tremar e a bufar, espirrando em secco, endureceu o fio do lumbro, entesou os machinhos das mãos e dos pés, deu um puchão nas reideas, encapotando e caiu para um lado do caminlio, com os olhos arregalados. O viajante damnou duma vez:

— Ai, pito dos demonios! Não presta p'ra nada, ta-me enchendo dês que sai de casa, e a resto inda arça, neste cerrado lonco, onde eu não tenho nem uma pinga q'ra te queimar a caecuda, nem uma cerveja preta p'ra te pouhar p'ra guêla abaixo!

Fez, ás carreiras, um monte de canjim e de curupeva, desfiou-lhe fumo por todas as bandas, e a deixar-lhe fogo, para que o cavallo recebesse em cheio a fumaça pela bocca e narinas. O cavallo, en' retanto, abalava-se todo, riscando o chão com as ferraduras e sacudindo a cabeça desesperadamente.

Vendo-o assim o Chico Anduva urrou no descampado:

— Olha, queeu te quebro o sunn co'esta peroba do relho, matungo das profundezas dos infernos! Espera só!

Isa descer-lhe a peroba. Então, o baio, inteirando-se, pareceu ficar os im-

mentos olhos nelle, apavorado e humilde.

O Chico Anduva teve ainda piedade:

— Sabe-o que mis? Não quero que tu diga, que eu sou duro de coiração: eu te perdoo, baio fraco! Bamos agora:

... E foi assim graças a Deus perdoadão, que o triste matungo teve as ultimas tremeladeiras, bufou e ronquejou mais fraco, enfiou a cabeça, e morreu no meio do caminlio...

Yaldomiro Silveira.

(Da Academia Paulista de Letras)

Para ennegrecer os cabelos

Ha innumeras receitas para dar a cor preta aos cabelos, mas todas as tinturas existentes são muito perigosas porque são á base de nitrato de prata, de saes de chumbo, de cobre, de cobalto e até—parece incrível!—egametro de potassio, que é um toxico perigosissimo, que pode envenenar rapidamente. As mais communs são as tinturas progressivas todas á base de nitrato de prata, cuja absorpção dá lugar a uma intoxicação lenta, que termina por um cema do fígado ou por uma arterio-esclerose ou ainda por accidentes mais graves.

As duas unicas formulas inoffensivas são a *Henné* verdadeiro para dar aos cabelos a cor loira ou castanho-claro e a *Petalina*, que tinge deslo e castanho até um bello negro luscivo e vivo, que illude á pessoa mais experia.

É preciso não confundir o verdadeiro *Henné*—que é uma farinha vegetal que vem do Oriente e que não existe á venda no Brasil—com diversas tinturas que se encontram á venda no nosso commercio, á base de saes de prata e de chumbo e com o rotulo de *Henné*. A pedida de diversas leitoras nos estavam fazendo «surgos para importar do Oriente o verdadeiro *Henné*—para as loiras e castanhas—mas a guerra veio annular os nossos esforços.

A *Petalina*, que é absolutamente inoffensiva, nos conseguimos que os senhores John Regent & Comp. Ixossem vir da Europa e ás nossas leitoras que desejarem fazer desaparecer os seus cabelos brancos, poderemos servir de intermediarias enviando-lhes a *Petalina*, que não temos duvida em recomendar. Com a *Petalina* em dez minutos faz-se a pintura, podendo lavarse a cabeça em seguida e pôr brillantina ou qualquer olio nos cabelos. É sufficiente uma applicação por mez e cada tubo de *Petalina* pode dar para um anno ou mais pois é concentrada e vem acompanhada de um prospecto explicativo sobre a maneira de usá-la e prepará-la. Simples, facil, perfeta e inoffensiva. Basta enviar a importancia de dez mil réis e 500 réis para porto e o endereço á Empresa Fomdina Brasileira, Rua 15 de Novembro, 331—sobrela — S. Paulo.

Curiosidades litterarias.—Consta que os livros mais editados do mundo são: A Cabana do Pae Thomaz e o D. Quixote da Mancha. O que porém bateu verdadeiramente o record das edições foi o LIVRO DA FORTUNA. Quem quizer possuir um exemplar, gratuitamente, envie este annuncio para a Caixa Postal, 412—S. Paulo juntando um sello de 100 réis para o porto, que o receberá pela volta do correio.

OS INCONVENIENTES DA CELEBRIDADE

LARGOU a pena e abandonou a escrivaniha.

É inutil, murmurou, sentando-se no divan; não sae nada. Então é só abrir o papel e dizer ao cerebro: «Trabalha e fabrica-me uma novela».

O cerebro é um animal churo; só vae para onde quer e entende. Não obedece nem á redea nem á espora. É preciso deixá-lo andar como quizer. Estamos em Fevereiro! E hoje já é sete!

Arrancou o cartão do calendario americano, preso á parede, amarratou-o e atirou-o no fogo. E logo a chamma, num movimento rapido, tomou-a devorando-a, reduzindo-a a uma tira negra, crepitante, cheia de pequenas fagulhas que se apagavam pouco a pouco. Depois, como satisfeita, voltou á lenha, lambendo-a voluptuosamente, sem mais se lembrar da pobre tira negra.

Tambem as cousas tem uma alma, sentenciou Julio Vanni, que tinha observado e continuou o soliloquio ininterrompido:

— Escrever uma novela? Mas que pensará o amigo Perrini? Que é cousa tão facil como compilar um artigo de variedades? Uma novela? É preciso tempo, é preciso. E o novo periodico deve sahir dentro de uma semana.

Verdade é que, pedindo-lhe um trabalho para publicar no primeiro numero desse jornal (Como se chamava *A Arte... Ars*) dava-lhe uma prova de estima e podia ser tambem uma prova do que lhe diziam Perrini e outros amigos, que se tornara um escriptor celebre.

Celebre! Soava-lhe bem a expressão—*Escritor celebre*.—Mas era adulação. Não: uma certa notoriedade, uma certa voga, isto sim, não podia negar. Mercia-as, então? perguntava a si mesmo. Não muito, não muito, respondia com um pouco de hypocrisia e com um sorriso de intima complacencia. Mas emfim, celebre ou não, não podia preparar aquella novela para o novo periodico. Não tinha disposição; estava num estado de iner-

cia intellectual como havia muito tempo não sentia. Accomodou a lenha e ficou um instante a contemplar a chamma que se levantava crepitante e leve.

Teve uma idéa:

— E se eu enganasse o amigo

uma hora depois de trabalho sem paço, releu o que havia escripto, mostrou-se satisfeito. A novela mantinha a promessa do titulo, era um *dentro e fora* tão característico, uma mistura tal de contrasensos psychologicos, que provocaria suores frios a qual-

quer pessoa bem disposta. A peça ao amigo Perrini estava preparada. Agora só lhe restava levá-lo, pedir-lhe que não o publicasse sem que elle fizesse a revisão.

II

— *Dentro e fora?* Que fizera?

E o amigo Perrini fixava no rosto de Julio Vanni dois olhos, que eram dois pontos de interrogação.

— Has de ver, has de ver, respondeu este rapidamente, com ponta de ironia vellada na voz. E partiu, sorrindo.

Mas não sorriu mais, quando, encontrando Perrini na rua, pediu a sua opinião sobre a novela:

A novela? Bellissima, magnifica, simbolicamente urdida. Os meus mais vivos complimentos.

Um pacifico burguez que, fazendo o classico passeio de digestão, visse desabar um telhado a poucos metros de seus pés; um sobrinho desesperado, que corre a receber a herança de um tio morto em um accidente e quem se apresenta a recebê-lo é o tio em pessoa; um honesto droguita que, depois de trinta annos de vida



... as tres irmans reunidas no jardim ouviam o canto de um grillo...

Perrini? Enganal-o? Mas como?

Não queria fazer nada que pudesse offendê-lo. Perrini no fundo era um bom rapaz, um pouco cacete, talvez. Enganal-o? Se pudesse, por exemplo... Oh! não. Se não levasse a mal... Paciencia... Poderia escrever a novela... Pensar... como tantos que publicavam monstruosidades litterarias sem pés nem cabeça... E iria augmentar o numero, elle que nunca quizera rebaixar-se.

Levantou-se, voltou á escrivaniha. Tinha encontrado, tinha encontrado. Tomou uma folha de papel, e escreveu no alto, soletando as palavras — *Dentro e fora*. E a mão poz-se a correr veloz sobre o papel quando,

conjugal sem prole, esperá finalmente o que chamem de paç, e a quem é anunciado o nascimento de um filho morto, são termos de comparação muito fracos e muito imprecisos para dar idéa da expressão de espanto de Julio Vanni diante da resposta do amigo.

Quizera perguntar-lhe se fallava serio ou se brincava; mas ficara imóvel, enquanto o outro partia rapidamente.

Quando poudo sahir da surpresa em que estava e voltou para casa, poz-se a pensar, a procurar o motivo daquelle cousa complicada. E tanto procurou, tanto estudou hypotheses e circumstancias, que lhe pareceu tel-o encontrado.

Devia ser assim. O amigo, tendo, como era natural, descoberto a troca, não quizera dar-se por achado, para não lhe dar motivo de ri delle e responder proclamando a belleza do trabalho. Devia ser assim, sem duvida. Era isso, mas a embulhar um pouco as suas conclusões, lá estava aquella — *symbolicamete urcido* — tão escuro. Mas isso podia ser tambem uma phrase qualquer, dita para colorir a cousa, ou uma allusão mordaz ao symbolismo invasor. Tomou as cousas assim e ri com mais gosto de Perrini, do pobre Perrini, que devia estar em apuros para preencher as quatro columnas vazias do jornal.

III

A's dez horas da manhã, Julio Vanni dormia ainda quando uma vozeria veio despertá-lo.

— E estirando os braços: — Que gente insupportavel. Porque é que gritam tanto?

— E tocou a campainha. Não appareceu ninguém.

— Ainda não veio aquella tartaruga. As criadas... Que praga social. E começou a vestir-se devagar.

— Terei eu mesmo de ir ver o que é isto. Ha de ser uma dessas historias externas, um desastre com mortos e feridos.

— Mas que do chegou á rua não ouviu mais nenhum grito.

— Não importa. Saberei no caminho.

— E dirigiu-se para uma das ruas principaes, não sem uma certa impaciencia curiosa. Entretanto, o primeiro grito surgia lá longe e, no meio do barulho, parecia ouvir-se um nome.

— Que será? Meu nome? Não é possível.

— Entretanto, era o seu nome mesmo. Apressou o passo e apurou o ouvido. Como? Uma novella delle? Tinha publicado uma novella e não se lembrava? Um sobresalto dominou toda a sua pessoa. O periodico *Ars* com a sua novella? Não, não era verdade, não podia ser verdade. Talvez fosse um meio para vender mais o jornal. Esperou um vendedor emquanto a alma lhe morria a ultima esperança de que fosse um engano.

— O novo periodico litterario *Ars* com a bellissima novella de Julio Vanni — *Dentro e Fora* — dois sous apenas.

— O pobre autor teve apenas forças para chamar o vendedor com a gesto de mão e comprar um numero do maldito jornal.

— Percorreu-o febrilmente. Lá estava:

DENTRO E FORA

(NOVELLA)

« Sobre os cumes flamejantes o Sol escondia-se pouco a pouco. As tres irmãs, reunidas no jardim, ouviam o canto de um grillo. »

Não havia mais duvida. Lá estava a sua produção. Era demais. Lá estava elle em caracteres nitidos numa pagina com a elegancia de uma linda gravura. Era demais. Perrini havia de dar-lhe satisfações por aquella affronta. Não era assim que devia responder ao seu gracejo, pondo-o velhacamente na berlinda, deante do publico e dos criticos. Os criticos haviam-no perseguido com todas as suas peridiadas quando começara a escrever. Não, não; nunca poderia suppor aquillo.

— Bravos! Os cumprimentos mais cordeaes.

— E o amigo Guerzoni, que apparecera naquelle momento, apertava a mão de Julio Vanni com a maior naturalidade.

— Acabo de ler a tua novella e te digo sinceramente que agradou muito.

— Leste? balbuciou Vanni espantado.

— Sim...

— E te agradou?

— Muito.

— Mas estás doido.

— Hei?

— Sim; estás doido, repetiu o

escritor.

— Ah! Ah! Ah! trocista! Não te faças de modesto, para que o elogio seja maior. Tu bem sabes que o teu trabalho é lindo.

— Julio Vanni começava a perder a cabeça.

— Fallava serio o amigo ou debicava-o? Quem olhasse para aquelle rosto bonancheiro e risonho, não suporia que estivesse brincando; mas seria verdade que aquella cousa lhe tivesse agradado?

— Uma pancadinha leve de mão, baticida confidencialmente no hombro, felo interromper essas reflexões e voltar-se.

— Que haveria de novo?

— Nada de extraordinario; um jovem poeta seu conhecido, que desejava exprimir-lhe pessoalmente a sua admiração pelo ultimo trabalho publicado.

— Esta agora! murmurou Vanni, enquanto recebia os cumprimentos. Combinaram, não ha duvida, combinaram.

— Sabe o que tenho a dizer-lhe?

— O outro ficou a olhar-o de bocca aberta.

— Que o seu modo de proceder neste momento é indigno, sabe?

— Indigno, indigno. E não continue a caçoar comigo, porque se arrepende. Quanto ao Sr. Perrini, o autor deste gracejo, ha de pagar-me, ha de pagar-me.

— Deu as costas aos dois e partiu sem cumprimentá-los, o rosto livido, todo o corpo a tremer, com a intenção de metter-se em casa e não sahir, enquanto aquillo não acabasse.

Caminhava de cabeça baixa, sem olhar para ninguém, deixando escapar de vez em quando uma exclamação acompanhada de um gesto vivo quando esbarrou num homem. Endireitou-se, levantou os olhos e a tirar o chapéu, desculpando-se. Misericórdia! Um, dois, três, cinco amigos seus, que estavam na sua frente com o jornal na mão e um sorriso, que lhe pareceu de troca. Ficou estupidamente, incapaz de qualquer movimento, enquanto uma risada barulhenta rebentava á vista do seu embarço, acompanhada de *bravos* e *vivas*, tão espontaneos na sua accentuação que pareciam sinceros.

— Finalmente, appareces de novo no mundo das letras.

— E de que maneira!

— Tornando te simbolista...

— Mas que simbolista? Onde descobriram vocês symbols naquella novella? E' tudo tão claro como o sol. Demais trata-se de um genero novo, um genero.

— E' verdade...

— A discussão empenhou-se logo, viva e barulhenta e por alguns instantes foi esquecido o pobre escritor, que ouvia aquelle turbilhão de palavras zumbir-lhe aos ouvidos, numa duvida terrivel de se achar diante de doidos ou de ter, elle mesmo endoidecido.

— Mas então teriam tomado a serio aquella novella? Tinha agradado a todos! Ou então todos representavam uma comedia indigna para rirem a custa delle. Ah! desta vez a sua pobre cabeça virava brincando; e sentia ondas de calor subirem-lhe ás faces, procurando acalmar-se, dar um pouco de ordem ás idéas, que lhe enchiam a cabeça. Trabalho inutil porque as idéas, continuavam a surgir, misturando-se umas ás outras.

— Ouçam, disse de repente um dos discutidores. Em vez de estarmos aqui a discutir sem resultado, consultemos o auctor. Só elle nos poderá dar uma resposta segura.

— Muito bem, approvaram os outros. Mas viram-no com o rosto tão desfigurado, que se calaram e apertaram-lhe a mão pressurosamente.

— Que tens. Estas te sentindo mal?

— De facto... Não me sinto muito bem. Não é nada.

— Mas então vae para casa. Um dia de cama e tudo passará.

— Tens razão... Obrigado pelo conselho. Não se incomodem em acompanhar-me; não é nada, afianço-lhes. Adeus.

— Os cinco amigos ficaram a olhar-o, enquanto elle se afastava.

— Depois consultaram-se com os olhos.

— Viram vocês, pobre Vanni, como caminhava?

— Que cousa desagradavel.

— E justamente no dia em que appareceu a sua novella.

IV

— Patrão, o jornal, disse Maria, entrando no gabinete de Julio Vanni, onde elle se mettera desde manhã, sem se dignar olhar ao menos, para o almoço que a pobre velha lhe havia preparado.

— Julio Vanni recebeu e passou-lhe uma vista d'olhos, como costumava fazer. Na primeira pagina, nada de interessante, na segunda tambem, na terceira, ah!... *Dentro e Fora*. Ali tambem? Mas era uma perseguição. E poz-se a ler:

« Este é o titulo de uma graciosa novella de Julio Vanni, o bem conhecido escritor, que podemos ver em prova, graças á gentileza do amigo Perrini, o director do novo periodico litterario *Ars* e que revela uma facenda do talento desse escritor. Escripção com garbo, salvo certos detalhes um pouco exagerados, feita numa forma, ás vezes, ligeiramente sarcástica, ás vezes, seria e grave, essa novella, certamente, não ficará isolada e esperamos que Julio Vanni nos dê outras iguaes, na selecção de um bom livro. E desejamos uma longa vida ao novo periodico, que inicia a sua publicação com trabalhos tão notaveis. »

Até os jornaes. Isto era demais.

— Este é o titulo de uma graciosa novella de Julio Vanni, o bem conhecido escritor, que podemos ver em prova, graças á gentileza do amigo Perrini, o director do novo periodico litterario *Ars* e que revela uma facenda do talento desse escritor. Escripção com garbo, salvo certos detalhes um pouco exagerados, feita numa forma, ás vezes, ligeiramente sarcástica, ás vezes, seria e grave, essa novella, certamente, não ficará isolada e esperamos que Julio Vanni nos dê outras iguaes, na selecção de um bom livro. E desejamos uma longa vida ao novo periodico, que inicia a sua publicação com trabalhos tão notaveis. »

— Este é o titulo de uma graciosa novella de Julio Vanni, o bem conhecido escritor, que podemos ver em prova, graças á gentileza do amigo Perrini, o director do novo periodico litterario *Ars* e que revela uma facenda do talento desse escritor. Escripção com garbo, salvo certos detalhes um pouco exagerados, feita numa forma, ás vezes, ligeiramente sarcástica, ás vezes, seria e grave, essa novella, certamente, não ficará isolada e esperamos que Julio Vanni nos dê outras iguaes, na selecção de um bom livro. E desejamos uma longa vida ao novo periodico, que inicia a sua publicação com trabalhos tão notaveis. »

— Este é o titulo de uma graciosa novella de Julio Vanni, o bem conhecido escritor, que podemos ver em prova, graças á gentileza do amigo Perrini, o director do novo periodico litterario *Ars* e que revela uma facenda do talento desse escritor. Escripção com garbo, salvo certos detalhes um pouco exagerados, feita numa forma, ás vezes, ligeiramente sarcástica, ás vezes, seria e grave, essa novella, certamente, não ficará isolada e esperamos que Julio Vanni nos dê outras iguaes, na selecção de um bom livro. E desejamos uma longa vida ao novo periodico, que inicia a sua publicação com trabalhos tão notaveis. »

— Este é o titulo de uma graciosa novella de Julio Vanni, o bem conhecido escritor, que podemos ver em prova, graças á gentileza do amigo Perrini, o director do novo periodico litterario *Ars* e que revela uma facenda do talento desse escritor. Escripção com garbo, salvo certos detalhes um pouco exagerados, feita numa forma, ás vezes, ligeiramente sarcástica, ás vezes, seria e grave, essa novella, certamente, não ficará isolada e esperamos que Julio Vanni nos dê outras iguaes, na selecção de um bom livro. E desejamos uma longa vida ao novo periodico, que inicia a sua publicação com trabalhos tão notaveis. »

— Este é o titulo de uma graciosa novella de Julio Vanni, o bem conhecido escritor, que podemos ver em prova, graças á gentileza do amigo Perrini, o director do novo periodico litterario *Ars* e que revela uma facenda do talento desse escritor. Escripção com garbo, salvo certos detalhes um pouco exagerados, feita numa forma, ás vezes, ligeiramente sarcástica, ás vezes, seria e grave, essa novella, certamente, não ficará isolada e esperamos que Julio Vanni nos dê outras iguaes, na selecção de um bom livro. E desejamos uma longa vida ao novo periodico, que inicia a sua publicação com trabalhos tão notaveis. »

— Este é o titulo de uma graciosa novella de Julio Vanni, o bem conhecido escritor, que podemos ver em prova, graças á gentileza do amigo Perrini, o director do novo periodico litterario *Ars* e que revela uma facenda do talento desse escritor. Escripção com garbo, salvo certos detalhes um pouco exagerados, feita numa forma, ás vezes, ligeiramente sarcástica, ás vezes, seria e grave, essa novella, certamente, não ficará isolada e esperamos que Julio Vanni nos dê outras iguaes, na selecção de um bom livro. E desejamos uma longa vida ao novo periodico, que inicia a sua publicação com trabalhos tão notaveis. »

— Este é o titulo de uma graciosa novella de Julio Vanni, o bem conhecido escritor, que podemos ver em prova, graças á gentileza do amigo Perrini, o director do novo periodico litterario *Ars* e que revela uma facenda do talento desse escritor. Escripção com garbo, salvo certos detalhes um pouco exagerados, feita numa forma, ás vezes, ligeiramente sarcástica, ás vezes, seria e grave, essa novella, certamente, não ficará isolada e esperamos que Julio Vanni nos dê outras iguaes, na selecção de um bom livro. E desejamos uma longa vida ao novo periodico, que inicia a sua publicação com trabalhos tão notaveis. »

— Este é o titulo de uma graciosa novella de Julio Vanni, o bem conhecido escritor, que podemos ver em prova, graças á gentileza do amigo Perrini, o director do novo periodico litterario *Ars* e que revela uma facenda do talento desse escritor. Escripção com garbo, salvo certos detalhes um pouco exagerados, feita numa forma, ás vezes, ligeiramente sarcástica, ás vezes, seria e grave, essa novella, certamente, não ficará isolada e esperamos que Julio Vanni nos dê outras iguaes, na selecção de um bom livro. E desejamos uma longa vida ao novo periodico, que inicia a sua publicação com trabalhos tão notaveis. »

— Este é o titulo de uma graciosa novella de Julio Vanni, o bem conhecido escritor, que podemos ver em prova, graças á gentileza do amigo Perrini, o director do novo periodico litterario *Ars* e que revela uma facenda do talento desse escritor. Escripção com garbo, salvo certos detalhes um pouco exagerados, feita numa forma, ás vezes, ligeiramente sarcástica, ás vezes, seria e grave, essa novella, certamente, não ficará isolada e esperamos que Julio Vanni nos dê outras iguaes, na selecção de um bom livro. E desejamos uma longa vida ao novo periodico, que inicia a sua publicação com trabalhos tão notaveis. »

— Este é o titulo de uma graciosa novella de Julio Vanni, o bem conhecido escritor, que podemos ver em prova, graças á gentileza do amigo Perrini, o director do novo periodico litterario *Ars* e que revela uma facenda do talento desse escritor. Escripção com garbo, salvo certos detalhes um pouco exagerados, feita numa forma, ás vezes, ligeiramente sarcástica, ás vezes, seria e grave, essa novella, certamente, não ficará isolada e esperamos que Julio Vanni nos dê outras iguaes, na selecção de um bom livro. E desejamos uma longa vida ao novo periodico, que inicia a sua publicação com trabalhos tão notaveis. »

— Este é o titulo de uma graciosa novella de Julio Vanni, o bem conhecido escritor, que podemos ver em prova, graças á gentileza do amigo Perrini, o director do novo periodico litterario *Ars* e que revela uma facenda do talento desse escritor. Escripção com garbo, salvo certos detalhes um pouco exagerados, feita numa forma, ás vezes, ligeiramente sarcástica, ás vezes, seria e grave, essa novella, certamente, não ficará isolada e esperamos que Julio Vanni nos dê outras iguaes, na selecção de um bom livro. E desejamos uma longa vida ao novo periodico, que inicia a sua publicação com trabalhos tão notaveis. »

— Este é o titulo de uma graciosa novella de Julio Vanni, o bem conhecido escritor, que podemos ver em prova, graças á gentileza do amigo Perrini, o director do novo periodico litterario *Ars* e que revela uma facenda do talento desse escritor. Escripção com garbo, salvo certos detalhes um pouco exagerados, feita numa forma, ás vezes, ligeiramente sarcástica, ás vezes, seria e grave, essa novella, certamente, não ficará isolada e esperamos que Julio Vanni nos dê outras iguaes, na selecção de um bom livro. E desejamos uma longa vida ao novo periodico, que inicia a sua publicação com trabalhos tão notaveis. »

— Este é o titulo de uma graciosa novella de Julio Vanni, o bem conhecido escritor, que podemos ver em prova, graças á gentileza do amigo Perrini, o director do novo periodico litterario *Ars* e que revela uma facenda do talento desse escritor. Escripção com garbo, salvo certos detalhes um pouco exagerados, feita numa forma, ás vezes, ligeiramente sarcástica, ás vezes, seria e grave, essa novella, certamente, não ficará isolada e esperamos que Julio Vanni nos dê outras iguaes, na selecção de um bom livro. E desejamos uma longa vida ao novo periodico, que inicia a sua publicação com trabalhos tão notaveis. »

— Este é o titulo de uma graciosa novella de Julio Vanni, o bem conhecido escritor, que podemos ver em prova, graças á gentileza do amigo Perrini, o director do novo periodico litterario *Ars* e que revela uma facenda do talento desse escritor. Escripção com garbo, salvo certos detalhes um pouco exagerados, feita numa forma, ás vezes, ligeiramente sarcástica, ás vezes, seria e grave, essa novella, certamente, não ficará isolada e esperamos que Julio Vanni nos dê outras iguaes, na selecção de um bom livro. E desejamos uma longa vida ao novo periodico, que inicia a sua publicação com trabalhos tão notaveis. »

— Este é o titulo de uma graciosa novella de Julio Vanni, o bem conhecido escritor, que podemos ver em prova, graças á gentileza do amigo Perrini, o director do novo periodico litterario *Ars* e que revela uma facenda do talento desse escritor. Escripção com garbo, salvo certos detalhes um pouco exagerados, feita numa forma, ás vezes, ligeiramente sarcástica, ás vezes, seria e grave, essa novella, certamente, não ficará isolada e esperamos que Julio Vanni nos dê outras iguaes, na selecção de um bom livro. E desejamos uma longa vida ao novo periodico, que inicia a sua publicação com trabalhos tão notaveis. »

— Este é o titulo de uma graciosa novella de Julio Vanni, o bem conhecido escritor, que podemos ver em prova, graças á gentileza do amigo Perrini, o director do novo periodico litterario *Ars* e que revela uma facenda do talento desse escritor. Escripção com garbo, salvo certos detalhes um pouco exagerados, feita numa forma, ás vezes, ligeiramente sarcástica, ás vezes, seria e grave, essa novella, certamente, não ficará isolada e esperamos que Julio Vanni nos dê outras iguaes, na selecção de um bom livro. E desejamos uma longa vida ao novo periodico, que inicia a sua publicação com trabalhos tão notaveis. »

V

— Uma carta de Perrini? disse, examinando o subscripto e reconhecendo a letra. Que quererá ainda de mim?

— Leu e releu; depois uma risada, uma daquellas risadas que alargam os pulmões e fazem bem á alma sahíu-lhe dos labios.

— Renovando os elogios entusiasticos que lhe fizera, pedia-lhe que preparasse outra novella, porque o primeiro numero da *Ars* se tinha esgotado e fóra preciso tirar tres edições.

— Então a novella tinha agradado mesmo. Não estão a caçoar com elle. Então a conspiração tramada por Perrini em torno delle, era uma criação da sua phantasia exaltada; aquella carta provava-o.

— Ah! como o grosso publico era, ás vezes, enganado. E Perrini, que era um homem culto e intelligente, não queria outra cousa; pedia-lhe que escrevesse no mesmo genero.

— Muito bem, muito bem. Sempre para diante assim, já que o publico queria. Nunca mais faria outra cousa senão romances e novelas no genero do *Dentro e Fora*... Jurava...

— Mas não asseguramos que Julio Vanni, artista de espirito seja capaz de manter seu juramento.

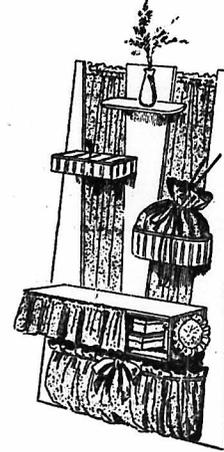
JOSÉ FERRARI.

LIVROS RECEBIDOS

Nossa brilhante collaboradora D. Precilianha Duarte de Almeida teve a gentileza de enviar-nos um exemplar de cada um de seus livros — *Paginas Infantis*, O livro das aves, e *Sombras* — publicados; ha alguns annos e que vêm abrilhantar nossa biblioteca. Não se tratando de livros novos e sim de livros já consagrados pela critica e largamente divulgados não cabe, ora, qualquer apreciação analytica. Sejam-nos permitido, porém, ao agradecermos a gentil lembrança, exprimir o nosso alto apreço pelas superiores qualidades da illustração escritora patria, cujo incontestavel merito teve a alta consagração de uma cadeira na Academia Paulista de Letras.

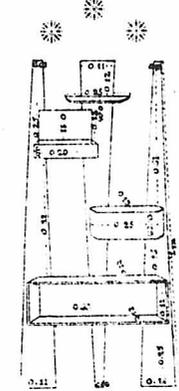
D. Precilianha Duarte, além de ser uma poetisa de delicada e finissima esthesia, e uma prosadora de impecavel estylo e de uma suavidade de tintas que encanta pelo despretençioso de sua factura e pela distincta elevação de seus quadros. As nossas leitoras têm tido occasião de deliciarem-se com algumas produções com que a brilhante escritora tem ornamentado as paginas de nossa Revista e á todas recomendamos os excellentes livros, com que ella nos acaba de brindar e que de ora vante figurarão na bibliotheca installada em nossos novos escritorios, que se compõe de algumas centenas de obras escolhidas e que se acha á disposição de todas as nossas assignantes, que nos queiram honrar com suas visitas.

Estante feita com taboas de caixas vazias



As leitoras encontrarão neste desenho a maneira simples de fabricar uma estante muito util, por suas proprias mãos. Com algumas caixas de madeira branca, que tenham comprimento indicado no *croquis* se faz a armação.

Depois de bem polida com papel de lixa bem grosso, n. 3, esmalta-se de branco ou de outra qualquer cor. Faz-se correr uma cortina na frente que pôde ser feita de fazenda lisa ou cretone estampado, franzia em cima e pregada pelos cordões nos dous lados. Pregam-se nas estantes depois de forradas pequenas caixas forradas tambem de fazenda, interior e exteriormente, assim como tambem a bolsa grande com sua cortina correspondente. As dimensões de todas as partes que entram em sua confecção se encontraram em um dos desenhos. Neste movel tão pratico e util se poderão guardar linhas, alfinetes, tesouras etc. e na parte superior se collocará um porta flores. Para torná-lo mais chic este pequeno movel se poderá pintar a quarella ou pigmentar-o.



DETALHE E -CROQUIS DA ESTANTE

LOUÇAS E VIDROS

CASA FRANCEZA DE L. GRUMBACH & COMP.

RUA SÃO BENTO, 81 — SÃO PAULO —

SABONETE AMYRES

De perfume suave e qualidade superior.

A VENDA EM TODA A PARTE

Depositaros: RUA DIREITA, 2
CASA LEBRE SÃO PAULO

HYGIENE DA BEBBEZA

As gordas e as magras

A gordura excessiva é contrária à beleza. Sabem-n'o bem as senhoras, aos trinta annos, quando começa o embonpoint. Mas a magreza excessiva é contrária à perfeição da silhonneta feminina. O segredo é o meio termo e não é difficil de obter, com algumas regras de hygiene, que damos a seguir, e que se divide em tres partes: Regimen alimentar, exercicio e hydrotherapia. As magras devem seguir um regimen alimentar pouco generoso, composto de leite, creme, manteiga, pastas alimentares (macarrão, etc.) sopas de aveia, feijão, lentilhas, ervilhas, batatas, e todos os farinaceos, e o azeite, em abundancia, em mayonnaises, com o peixe, emfim por duas as formas que lhe seja possível absorver, o sem repugnancia. Pouca carne e mais peixe — as conservas de peixe, feitas com óleo são indicadas. O queijo auxilia a gordura. Como bebida, a cerveja; de preferencia as cervejas fracas com pouco alcool. O somno é muito importante. A mulher magra e delicada deve deitar-se cedo e acordar tarde; dez a onze horas de somno. Mesmo as que não têm somno, por excessão de nervosidade, lucrarão com estar deitadas, pelo repouso muscular. Uma sesta de uma hora entre as refeições, é excellente. Andar pouco; passeios curtos e moderados, que devam cessar ao menor cansaço. E' muito importante tambem a função respiratoria e a gymnastica respiratoria. Pela manhã deve levantar-se com um roupão largo, collocar-se deante de uma janella aberta, apoiar as mãos aos quadris e tomar longas respirações, o mais longas que forem possíveis. Fazer penetrar o ar fresco e puro até as camadas inferiores dos pulmões. Neste exercicio é preciso não levantar as espaldas. A inspiração se deve fazer pelo nariz e a expiração pela bocca. Depois de haver assim respirado durante quinze minutos, deitar-se no chão sobre um tapete, os calcanhares unidos, a cabeça direita, os braços extendidos ao longo do corpo e este bem extendido e executar os seguintes movimentos: — 1.ª série. — Os braços em tres posições; ao longo do corpo, abertos em cruz e curvos, os dedos tocando as pontas das orelhas. Em: cada uma das tres posições acima deverá tomar uma longa inspiração, collocar os braços de novo ao longo do corpo, em posição de repouso e só então, fazer a expiração. Depois de uma série desses exercicios, sentar-se, sem o auxilio dos braços e do dorso direito, a cabeça alta, os braços cahi-

dos ao longo do corpo ou as mãos cruzadas por traz da nuca, deitar-se de novo, sem dobrar o corpo, como uma só peça. Para completar o exercicio, levantar, algumas vezes, vagarosamente as pernas e os braços. A posição vertical e baixa-los novamente. Estes exercicios não deverão durar mais de dez minutos, no começo, mas com o seguir dos dias, deverá ser prolongado até meia hora. Leigo repouso e nova série de exercicios, em pé: — 1.ª — Flexão do tronco. As mãos nos quadris, inclina-se o corpo, lentamente, para traz, para deante e para os lados. 2.ª — Levantar os braços aos ares, para a frente e, como uma só peça, em arco, ir inclinando-se, em arco, até que as pontas dos dedos toquem o chão. Fintos estes ultimos exercicios, que deverão durar alguns minutos, deitar-se, ficar um momento em repouso e mandar fazer uma massagem geral, que poderá ser substituída, onde não houver quem o faça, por uma esfregação uniforme de todo o corpo, com uma toalha aspera e si possível, quente. Este serviço pôde ser feito por uma creada.

Perguntarão nossas leitoras que effeito podem ter taes exercicios sobre a magreza e responderemos: Enormes e magníficos. Nas pessoas magras as traças nutritivas se dão mal. As combustões organicas se assemeham ás de um mau fogão, que quanto mais lenha rectbe, mais fumo inutil e menos calor util produz. A combustão dos residuos é amplamente favorecida por uma boa respiração. E' o ventilador que leva o oxygenio para que a chamma se produza. A massagem chama o sangue para a pelle; obriga-o a circular a si até onde elle mal ia; a queimar os detricos da combustão imperfeita — a fuligem — que se accumula nos tecidos.

Regimen das senhoras gordas — Para as gordas o regimen será o seguinte:

1.ª — Levantar-se ás 7 1/2, e fazer exercicios gymnasticos de quarto, com aparelhos de elastico, que se venderão no commercio e saltar durante ao longo do corpo, no começo e durante meia hora em seguida — sobre um dos pés e depois sobre o outro.

2.ª — A's 8 horas, em vez de café, uma chavena de agua quente, sem assucar, adicionada de um pouco de chá, e em vez de pão, comer uma fruta. Sair em seguida a pé e fazer um passeio de meia hora.

3.ª — A's 10 1/2, um ovo quente, com duas fatias de pão tostado e uma

chavena de agua quente, disfarçado com um pouco de chá, sem assucar.

Em seguida um passeio a pé de 1 1/2 hora.

Entre as duas horas acima, uma ducha ou um banho de chuva, onde não houver duchas, seguida de massagem geral ou de esfregação, uniforme e vigorosa, por todo o corpo, com uma toalha quente.

4.ª — Ao meio dia, segundo almoço, com frios sómente: — frango frio, carnes frias e presunto, sem gordura. Nada de azeite. Pouca quantidade de carne. Em seguida um abundante prato de legumes (espinafre, chicorea, alface, nabos, rabanete) cozidos em agua ligeiramente salgada, sem gordura e sem caldo de carne. 30 grs. de pão tostado. Fructos cozidos à vontade. Chá ou café fraco, sem assucar. Novo passeio a pé de uma hora.

5.ª — A's 7 horas da noite, mesma refeição que a de meio-dia, á qual se pôde addicionar um pouco de peixe cozido, sem molho. Um prato de carne. Fructos cozidos. Café fraco ou chá. Pequeno passeio.

Em caso de prisão de ventre poderão tomar ás manhans uma colher de sal de Karlsbad ou 1 gr. de sulfato de sodio crystallisado, em meio copo de agua quente. Passear em seguida meia hora e só tomar o primeiro chá, uma hora depois do remedio. Pesarse antes do tratamento e de oito em oito dias. Dormir pouco: — seis a sete horas e nunca dormir entre as refeições.

A pratica dos sports, como o tennis, o golf, a equitação, o remo, são muito uteis.

Dr. Fontaine.

Casa Tolle

Desta importante fabrica recebemos uma grande quantidade de bombons e chocoletes, acondicionados em elegantes e luxuosas caixinhas e que no dia da inauguração de nosso escriptorio, distribuímos entre os convidados, tendo sido apreciadissimos. Os productos da "Casa Tolle", rivalizam hoje com os melhores fabricados na Europa, e tanto é assim que estão sendo exportados com grande successo para aquelle continente.

Agradecemos á "Casa Tolle" a delicada offerta, e ás nossas leitoras recommendamos os chocoletes e bombons da referida casa.

O Sr. Deoceleio Brandão e sua Exma. Sra., residentes em Timbúba, E. de Pernambuco, participam-nos o nascimento de sua primeira filha Wanda em 2 de Setembro p. passado.

O Sr. Oscar Moisinho e D. Laura Moura Moisinho residentes em Timbúba, E. de Pernambuco, participam-nos seu casamento realizado naquella cidade em 7 de Setembro p. passado.

Desejamos-lho muitas felicidades.

AGUA DE COLONIA DIVINA
E' A MEHOR, aroma magnifico

DEPOSITARIOS
CASA LEBRE

RUA DIREITA, N. 2
— SÃO PAULO —

Só dois anos de cazados

Só dois anos de cazados, só dois, parece impossivel, e já elle boceja ao pé de mim com tamanha frequencia e tal franqueza, que parece querer mostrar-me o estomago por dentro, como se isso me interessasse! Ah, os homens!... O peor é que no fim de dois minutos, quer eu o queira evitar quer não, eis que principio a bocejar também, até me sair agua dos olhos. Quando um homem manifesta assim o seu aborrecimento ao pé de uma mulher, que quererá dizer?

Quer dizer que essa mulher já nada lhe offerece de interessante e, nesse caso, posso affirmar que meu marido é o homem mais exigente deste mundo, porque onde iria elle encontrar outra criatura mais gentil e mais espirotuosa do que eu? Só se elle se cazasse com a Réjane ou com a Sarah Bernhardt, de quem fala com tanto exagero que até fico enfadada... Estou certa de que a seu lado elle seria de um tedio menos eloquente. O engraçado é que se me lamento da descozteia dos seus bocejos, elle diz que é forçado a elles pela dispepsia, mas se digo aos amigos que elle boceja por dispepsia, atalha logo que só o faz quando está com sono!... E' claro que não quer passar por doente, assim como tambem é manifesto que as suas crises de preguiça só o acometem quando estamos sós; se vem alguém, seja embora esse alguém o Dr. Silveirinha, que só fala em assumtos aborrecidos de electricidade ou de medicina, já meu marido parece outro homem...

Se ao menos elle gostasse de frequentar a sociedade; levar-me a toda a parte... mas não; e quando o faz não se arreda de ao pé de mim, sempre de ouvido á escuta, recomendando-me cuidado no modo de falar, como se eu fosse uma criança! Se por acaso tem um momento de distração e eu o aproveito para dizer alguma coisa — que, emfim, não sou muda nem idiota — elle é o primeiro a escarnecer de mim, como outro dia, que soltou a mais estrondosa gargalhada que tenho ouvido em toda a minha vida (de mais a mais ao pé do barão!), só porque eu disse accidentalmente que os "cabelos da Venus de Milo eram cor de vinho"! Ora se isso é asneira não foi inventada por mim; se eu disse tal coisa foi porque ouvi de alguém; mas vá lá agora saber de quem, para attribuir-lhe a responsabilidade!

Quando chega a hora das responsabilidades ninguém aparece. Em todo o caso não era assunto para ri; é mais innocente entretermo-nos a falar da cor dos cabelos de deusas consagradas e eternas, que nunca vimos nem veremos em nossa curta existencia, porque vivem empalhadas em museus a centenas de leguas das nossas cazas, do que cochicharmos contra a vida alheia. Tudo isso indica que elle já não me ama, que

se sente constrangido ao pé de mim, ou que dejeza aprizionar a minha alma no meu peito, para que eu morra sufocada, sem dezabofo.

Não foi para isso que eu aprendi francez e muzica.

Muzica eu sei e até muito melhor do que elle — que só de sofrer tive dois anos — e entretanto outro dia, quando eu disse na sala que o João Benedito é um emulo de Wagner, meu marido sussurrou-me ao ouvido rapidamente:

— Não digas asneiras; o João Benedito não é compositor! — Como se tambem não fosse um grande pianista! Terá elle ciumes de João Benedito? Quem sabe?... só o ciume explicaria alguns dos seus atos, como o de não gostar, quando se vê coagido a levar-me a certos banquetes, que eu fique perto de pezas mais mais consideração. Pensará elle, porventura, que eu não tivesse percebido que, sexta-feira, no jantar do Souza, elle tanto andou e tanto fez que mudou o carvão com o meu nome para junto do talher do conselheiro Braga, que se surdo como uma porta? Compreendi-lhe a manobra num relance e durante todo o tempo que estivemos á meza, meu marido, descansado e feliz, comeu como um nababo!

Foi a primeira vez que, numa festa, eu o vi com ar tranqüillo. Era porque elle não podia imaginar que o Braga encontrasse entre os geolos dos seus oitenta anos a florzinha de uma madrigal que me offerecesse para delicia de uma dessas curtas horas de flirt que toda a gente cultiva. Mal sabe meu marido que os velhos são os peores. Mas quando eu falo em zelos, ainda elle se ri... Que não, afirma, que não é ciumento; não se oppõe a que eu uze as mais indiscretas fórmãs de vestidos, que é sempre pela toilette, na sua opinião, que as mulheres procuram conquistar os homens e humilhar as outras mulheres, suas rivais. Na verdade, elle não conta o dinheiro que me dá. Compra as jóias do Rezende, compra todos os chapéus e todos os vestidos modelo da Maison Pompadour... «Irrradia, sé elegante, sé chic, mas não fales» — é o seu lema. Isto comigo, que sempre fui considerada como a mais tagarella da familia e a mais bem falante! Meu padrinho até me chamava — a menina dos ditos inditos.

Se é bem verdade que cada homem inventa um martirio novo para uzo domestico, convenhamos que o deste é bem singular...

Quando estamos sós, boceja, não acha que dizer: esgotou os assumtos nas palestras do escriptorio, da confeitaria, ou do bonde; pergunta-me sempre as mesmas coisas, mal responde ao que eu pergunto, arrasta-se da meza para a cadeira de balanço, da cadeira de balanço para a sua secretária, enche-me a caza de pape-lada e de revistas sem graça, cheias de maquinas, e quando vem por acaso

alguem de mais espirito vizitar-me põe-se de sentinella, não aos meus olhos, mas á minha lingua, para que eu não fale demais!... Se eu lhe dissesse que hontem, em caza de mamã, conversando eu com meu tio ministro, sobre coisas sérias, meu tio riu-se até ás lagrimas, sem se poder conter não sei por que idéa associada ou por exquizzice, meu marido ficaria logo afogado e opresso, como quem vem ter uma congestão. O melhor é não lhe dizer nada e seguir os conselhos da tia Joanninha que mil vezes me preveniu: «menina, o sistema de contar tudo que se passa aos maridos, é muito prejudicial para as mulheres. Os homens atifgem-se por muito pouco; quer moral, quer feticamente são uns fracos; pois lhes basta ás vezes uma simples dor de dentes para os fazer gritar. Qual-quer febrinha torce-os em impacientes e nervozos, qualquer realismo obriga-os a gemer... Será a sua carne mais sensível a dor do que a nossa? Quall o que lhes falta é a paciencia, a educação do sofrimento, com que nós nos fortalecemos para as lutas da vida e do matrimonio, principalmente as do matrimonio.»

Tia Joanninha tinha o direito de falar e de conhecer bem os homens, porque se cazou quatro vezes. Quatro maridos, quatro sentimentos, quatro tumulos e sempre a falar mal do cazamento, a tia Joanninha! Entretanto nenhum dos seus defuntos a mandou calar, como o meu marido me mandou a mim hontem na sala, só porque eu disse ao Azambuja que o maior poeta da França no seculo dezenove foi Gambetta. Meu marido apressou-se logo, muito afilto, como se disso viesse mal ao mundo: — «Ella quer dizer Victor Hugo» — Chega a ser dezaforo elle affirmar que eu quero dizer coisas diferentes das que digo! Meu pai, que era um homem muito illustrado, tinha grande admiração por Gambetta e falava nelle frequentes vezes, para que eu o possa ter esquecido. Quererá meu marido, simples engenheiro mecanico sempre enfiado em algarismos, saber mais do que meu pai, advogado e politico de fama? E ainda o estúpido Azambuja, por adulação ou não sei o que, exclamou logo com arzinho de desculpa, todo lampreiro: «Percebi que foi lapso!» Oh, suave, oh, encantador Azambuja!

Aposto em como elle não percebe coisa nenhuma... Eu, se quizesse teimar, ninguém me venceria; mas não quero; fico com a minha razão e deixo os outros com a sua indolencia. Nas lutas do cazamento as mulheres são sempre as mais generozas.

Umás sacrificam a sua beleza, outras o seu orgulho; eu terrei de sacrificar o meu espirito. Será a mais abnegada.

Julia Lopes de Almeida

FOOT-BALL ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE SPORTS ATHLETICOS

O mez sportivo foi cheio de *matches* — sensacionais e surpreendentes. Abriam a serie o S. Bento e o Palmeiras.

Embora esta prova fosse sensacional, pois o Palmeiras tinha veleidades de tirar a taça, não constituiram propriamente, uma surpresa: o S. Bento, mais forte, mais adestrado, mais treinado, devia fatalmente ganhar do seu contendor. E ganhou, pelo *score* de 3 a 2. Foi pouco? Mas, no actual campeonato, é difficil vencer por mais pontos. Os *teams* estão de tal forma organizados, que quasi se comparan.

O *match* que surprehendeu, de facto, foi o do Paulistano e Palestra, realizado no dia 8. O Club italiano, com uma energia digna de todos os encomios, reagiu vigorosamente contra o seu adversario, que teve de pôr em jogo toda a sua actividade, para não ficar mal collocado no campeonato.

Venceu o Paulistano por 2 a 1; venceu, quando já faltava dois minutos para o fim da lucta. O jogo Palmeiras e Mackenzie, effectuado no domingo seguinte, deu que falar nas rodas de conversação. Mackenzie, sem embargo do seu valor, que incontestavel, sempre perdeu dessa equippe, que, para elle, era fatidica, tendo, por diversas vezes, lhe estorvado o caminho victorioso. Nesse dia, porém, o Palmeiras, ante a pressão violenta do seu adversario, cedeu terreno, dando a victoria, com bastante custo, ao seu valente adversario, que fez tres *goals* contra 1.

Dois dias depois, o Palmeiras, num *match* amigoso, para a conquista da taça "Correio Paulistano", bateu-se galhardamente com o seu rival de antanhos, o Paulistano. Foi um *match* de estrondo, esse. Não obstante a resistencia sem par do *team* da Floresta, o seu antagonista, que jogou com um *team* formidavel, o derrotava, por 2 pontos a 1.

E o S. Bento, que empatou com o Palestra? Com esta é que ninguém esperava. O S. Bento um dos provaveis vencedores do campeonato, com um grupo distincto de jogadores, não foi capaz de subjugar o seu antagonista. São assim as coisas do *football*.

Também em Santos, o Ypiranga, de tanta nomeada, perdeu do Santos, *Foot-ball Club*, que, até ha pouco, estava na bagagem.

A mais importante das pugnas, entretanto, foi a do dia 22, entre o Paulistano e o Mackenzie. Os dois leões lutaram desesperadamente, e o Paulistano, num esforço supremo, leva de victoria o seu fivel concorrente da recta final, pelo *score* de 3 a 1.

Sobre o *match* do dia 29 entre Mackenzie e Ypiranga daremos noti-

cia no proximo numero da nossa Revista, assim como os outros referentes ao mez de Novembro.

Em vista da situação do campeonato do *foot-ball* os *teams* mais bem cotados para a *Caça* são: o Paulistano glorioso, o São Bento e o Mackenzie.

D'Artagnan.

CORRESPONDENCIA

(Nesta secção responderemos ás consultas de nossas leitoras do Interior e poderão ao mesmo tempo nossas leitoras corresponder-se entre si, sobre assuntos domesticos) Respostas devem ser enviadas por nosso intermedio.

Calças de pensões — Diversas leitoras do Interior pedem nossa opinião sobre as diversas calças de pensão vitalicias, que funcionam nesta Capital e no Rio. Como é extranho á intenção desta secção o assumpto da consulta limitamo-nos a dar as seguintes informações. Das duas calças de pensão desta Capital, a Caixa Mutua de Pensões Vitalicias e a Previdencia, já estão chegadas ao periodo de pagar pensões aos seus socios. A Caixa Mutua tinha estabelecido que pagaria 350 por mez, durante o primeiro decennio. Resolveu porem, de ora avante só pagar 100 por mez, o que dá uma pensão liquida de 50, visto como, o socio continua obrigado a pagar a mensalidade de 50, mesmo que esteja em pensão. Com a Previdencia dá-se o mesmo facto: ella acaba de completar o seu 10º. anno de vida, e os socios que se inscreveram no 1º. anno entrarão em pensão, que é igual a da Caixa Mutua, isto é de 100, por mez, menos 50, da mensalidade que o socio é obrigado a continuar a pagar, durante toda a vida. Foram as informações que pudemos colher e que, cremos, satisfarão ás nossas missivistas. Sobre outros assumptos a que se referem algumas cartas, escapam á nossa competencia.

Libres do matto — Deseja-se comprar; Pede-se á alguma das leitoras que tenha creação, informações e preços. Vossa assignante — M. M.

Pensão de ferias — Uma senhora deseja restabelecer-se em fazenda de clima ameno. Descripção e preços de pensão á Margarida G.

Flores de papel — Encomendas para qualquer quantidade a Flor o A. R.

Filé — De últimos modelos, vendem-se nos metros — C. Costa.

Suores — Máu cheiro — Contra 5000 em sellos, envia-se remedio garantido, Clara Melio. Revista Feminina.

Selos — Para crescer os sellos. Pastilhas do dr. Malcolm. Por obsequio, pedidos á Revista, com 200000.

(As respostas da redacção ás consultas das leitoras são gratuitas. Os correspondentes das leitoras custa por em 18000, não podendo exceder de 8 linhas. Dada a enorme circulação da Revista, entre senhoras, as nossas leitoras poderão por nosso intermedio e sem que ninguém saiba, vender as pequenas prendas e pepenias industrias que fizeram em casa, vendendo crochê, vendas, e outras tantas coisas em queas senhoras se occupam.)

LIVROS NOYOS

Antonietta Rudge — Carlos do Vasconcellos — Rio — 1910 — For intermedio do nosso brilhante collaborador Claudio de Souza recebemos um exemplar do volume que, sob o título — Antonietta Rudge — o conhecido escriptor Carlos do Vasconcellos, ha pouco publicou no Rio de Janeiro.

Não se trata de uma simples e merecida homenagem á nossa illustre patria; é um bello estudo analytico de toda a carrolira de Antonietta Rudge, feito com um vigor de frase, com uma justiça de conceitos e com uma tão elevada comprehensão da Arte, que foge por completo ao estalio meador das biographias e dos volumes laudatorios, que na mor parte das vezes, são apenas lições de louvor e homenagem e pelo seu auctor. O livro de Carlos Vasconcellos lê-se com prazer e emitta alguma coisa a quem o lê. Não é um conglomerado de adjetivos dithirambicos, nem um enjebo para exhibição de conhecimentos technicos. É uma obra de justiça, de enthusiasmo sincero e — porque não dizer — de propaganda de uma das nossas maiores e gloriosas artistas. Os criticos que a menos prezam e ou desconfiam. Ainda ultimamente, num concerto do theatro Municipal, em que tomava parte nossa gloriosa patria, havia entre as mais belas e das de poltronas occupadas! P' espantoso mas é a verdade. Nossa incomparavel patriota que teve no livro de Vasconcellos a mais fina flor da intellectualidade, que teve as mais altas referencias dos mais exigentes criticos, tomou-se irritada e no seu egoismo, a corar-lhe a obra tenaz e energica, a indifferença bojeante de um publico, que se não farta no emtanto de applaudir toda a quibanda com quebrou a cabeça e a cabeça de mais uma vez a nossa ignorancia de coisas de Arte. Assim pois o livro merito não tivesse a obra senhores Anna de Mello Azevedo, a filha Stockler de Azevedo e Auristella de Mello. Subscreevo-me com estima e consideração.

As estampilhas de caridade

O selo anti-tuberculoso, emitido com o fim de obter dinheiro para combater a praga do homem branco, a *lisis*, é de uso corrente nas curvas americanas. Estes sellos tiveram a sua origem, seguindo-se diz, na Dinamarca, ha dez annos (1901), e creio que, na sua adopção, influhi muito o proprio monarcha. A ideia partiu de um funcionario dos correios de Copenhagen, e tendo parecido boa ao rei, quando d'olla teve conhecimento, deu-lhe todo o seu apoio para ser executada. Aquelle sello, o primeiro da sua classe, é hoje muito raro, e muitos collectadores o procuram com empenho. O desenho é altamente artistico. No centro figura o retrato do fallecido rei Christiano. Ao alto, ostenta a coroa real e em baixo as armas dos soberanos. Aos lados tem ramos de rosas. O selo dinamarquez tornou-se muito popular e d'elle se venderam muitos milhoes. Desde esse epocha, fez-se todos os annos uma nova emissão, sendo algumas de bonito desenho e esmerada gravura.

Em 1905, isto é, no anno immediato no apparecimento do primeiro sello dinamarquez, a Republica Argentina emittiu o primeiro sello de caridade sul-americano. Era um verdadeiro sello de correios emittido pelo governo, porém cobrava-se por elle uma pequena quantia a mais do seu valor corrente, destinada a combater a praga branca.

A terceira nação que adoptou o novo systema de lucta contra tuberculose foi a Suecia, que, em 1905, emittiu um bonito sello com os retratos dos seus reis actuaes. Da mesma forma que na Dinamarca, o desenho do sello varia de anno para anno. Essas desenhos costumam ser allegoricos, representam a sciencia vencendo a enfermidade, a realidade e a sciencia dando ás mãos, a caridade tratando enfermos, e outras composições analogas. As collecções completas desses sellos são muito apreciadas pelos collectionadores.

De todo o Brazil

(Chamamos a attenção dos nossos annunciantes para a diffusão da nossa Revista).

E' cada vez mais animador o movimento de enthusiasmo que se nota em todo o Brazil a favor da nossa Revista, e diariamente nos chegam ás mãos dezenas de cartas e cartões de nossas mais distinctas patriotas, muitas das quaes estão trabalhando decididamente pela victoria de nossa Revista, cujo futuro brilhante será o primeiro triumpho das senhoras brazileiras.

D. Amalia F. de Azevedo, de Cassina — Minas, escreve: "Em resposta á vossa delicada missiva, tenho a agradecer o brinde que me enviastes, bem como o pedido que me fazeis de minha photographia para a Revista; e não queira, em uma attenção que não mereço talvez em occasião oportuna envie a meu filhosinhos; pois no entretanto ficar certa que continuarei a trabalhar pela Revista, sem nenhuma remota, tanto a apreciação assignante daquella D. Emiliana C. de M. Pinto, não recebeu ainda o numero de Agosto.

Hoje envio-lhe mais tres assignaturas, para as senhoras Anna de Mello Azevedo, Eliza Stockler de Azevedo e Auristella de Mello.

Subscreevo-me com estima e consideração.

De Itaquy, no Estado do Rio Grande do Sul, escreve-nos a Exma. Srta. D. Zefelina Ramos Scenini.

"Exma. Srta. D. Virgínia de Souza Salles. — S. Paulo. Junto um vale postal no valor de Rs. 35000 para 5 assignaturas da bella "Revista Feminina". Srta. D. Maria Clara Cavassa. Srta. Hermínia R. Souza. Srta. Emma Scenini. 4.ª Srta. D. Maria A. Goudinho. 5.ª a abnho assignada.

Fazendo votos pelo engrandecimento do tão bella empresa, subscreevo-me com estima e apreço V. Att.ª Amiga.

De São João Mirim, do Estado do Rio Grande do Sul — o sr. Libindo Pereira Vianna.

Ilma. Srta. D. Virgínia de Souza Salles. — S. Paulo. Junto a esta a quantia de vinte mil e cem réis (208100), sendo 148000 para 2 assignaturas da "Revista Feminina", para a Juvenal Dornelles Vianna, e uma para Juvenal Dornelles Dornelles; 58500 para 2 Alburns de modelos bordados sobre etamine coloridos, Renda de Tenerife ou inhanduty, vindo estes a meu endereço, o restante (600 réis), para o sr. D. V. Excma., att.ª

Gratidão esse obsequio, subscreevo-me com a mais alta consideração e respeito De V. Excma., att.ª

De Santa Maria, Estado do Rio Grande do Sul, o sr. João Branco.

"Exma. Srta. D. Virgínia de Souza Salles. — S. Paulo. "Pelo correio em carta com valor declarado remetto 148000 para pagar duas assignaturas da Revista Feminina", sendo uma de minha filha Cândida. Evanco agora vendida e outra (usada) para o Dr. Ingo Kappel, residente nesta cidade á rua do Commercio.

Seu outro motivo, seu grande admirador de V.ª Excma. Att.ª Sr. e Cr.ª

De Itaquy, Estado do Rio Grande do Sul, escreve-nos a Exma. Srta. Isabel F. Scenini.

"Exma. Srta. D. Virgínia de Souza Salles, D.D. Directora da "Revista Feminina". — S. Paulo. Prez. Srta. Tenho satisfação em accusar recebimento á v. est. carta de 22 de Agosto p. p. de cujo theor, me informel, agradeço.

Junto a presente envio-vos um vale postal na importancia de Rs. 84000 (oitenta e quatro mil réis) para pagamento de 12 assignaturas que venho de conseguir, conforme lista inclusa.

Permitto-me comunicar-vos que resolvi desistir em beneficio da "Revista" do premio a que tenho direito, mas quizera, em compensação que a "Revista" me constituisse agente local, e cada incumbencia prometterei desempenhar com muita satisfação para mim e sem interesse de recompensas de qualquer especie; pois, que, desta forma, viria cumprir os meus desejos em poder contribuir, com aquillo que estiver em meu alcance, para o desenvolvimento de vossa causa.

Creio, em poucos dias, poder enviar-vos novas assignaturas que pretendo conseguir no meio de minhas relações. Com elevada estima e permanecendo ao vosso inteiro dispor, subscreevo-me Amiga e Cr.ª Att.ª

Eis a lista de assignaturas da "Revista Feminina": Srta. Maria Inez de Paula, Srta. Juliana Lima, da Silva, Srta. Malvina Paz de Ramos, Srta. Joanna Fagundes de Scenini, Srta. Theresza Scenini de Camargo, Srta. Orizantina de Barros, Srta. Rosa Assunção, Srta. Emma Scenini, Srta. Lulu Bonorino, Srta. Aracy Silva, Srta. Margarida Moretti, Sr. Paulino P. Pereira.

Poucos depois escreve-nos a mesma Senhora.

"Exma. Srta. D. Virgínia de Souza Salles, D.D. Directora da "Revista Feminina". — S. Paulo. Prema. Srta. Confirmando me anterior de 3 do corrente.

Junto a esta envio-vos um vale postal na importancia de Rs. 105000, sendo Rs. 84000, equivalentes ás 12 assignaturas que vol-us enviou em m. ultimo e 21000 por conta de novas assignaturas para as Exmas. Srmas. Eliza C. Degrazia, Orintha P. Degrazia e Eloah P. Silva.

Nestes dias enviarei novos pedidos de assignaturas.

Repto-me com elevada estima de V.S. Anna. Att.ª

O Dr. Lauro Borba, de Recife, enviou-nos mais as seguintes assignaturas: Dr. José Appolinario de Oliveira, Directoria de Industrias e Obras Publicas, Alme. D. Antonio Ignacio, D. Adelaide Amaral, Antonio Alves da Fonseca Andrade, D. Maria Borba, D. Silvana Caminha Franco, Cel. José Novaes, Dr. Miguel de Oliveira, Marcelino Oliveira, Adolpho Quintas, Dr. Joaquim de Oliveira Valença, Dr. José Feliciano da Rocha, Grauville Costa e D. Marriam Corrêa.

De Santa Rita de Sapucahy, Minas, escreve-nos o sr. Joaquim A. de Souza.

"Exma. Srta. D. Virgínia de Souza Salles. — S. Paulo. Meus respeitosos cumprimentos. Em minhas mãos o 28.ª n.ª da "Revista Feminina" que tivestes a gentileza de enviar-me.

De Santa Rita de Sapucahy, Minas, escreve-nos o sr. Joaquim A. de Souza.

"Exma. Srta. D. Virgínia de Souza Salles. — S. Paulo. Meus respeitosos cumprimentos. Em minhas mãos o 28.ª n.ª da "Revista Feminina" que tivestes a gentileza de enviar-me.

Ti com vantar os variados assumptos que ella contem, e, através de suas paginas, pude traduzir o esforço da mulher brasileira na tarefa sacrosanta de instruir e de educar, enviando a todos os recantos do paiz a literatura que, o conhecimento das coisas uteis, o Bello nas suas multiplicas e sublimes formas.

Doi parabéns á Directora da "Revista Feminina" e peço-lhe o obsequio de inscrever o nome de minha irmã Maria Antonietta de Souza como assignante.

Sou de V. Ex. Cvd., obr.ª

De Theresina, D. Cecilia de Oliveira.

"Exma. Srta. Virgínia S. Salles — S. Paulo. Dou em m. poder sua grata missiva de 20 de Maio e accuso a recepção dos numeros da Revista, que recebi.

Junto dezo mil réis, sendo tres para pagamento do restante de minha c. em 25 de Abril e sete para uma assignatura da "Revista Feminina", que a Srta. fará o obsequio de endereçar a Srta. Maria José de Oliveira, Rua Passandú, Theresina, Piahy.

Subscreevo-me com estima e apreço ord.ª obr.ª

De Tres Corações, Minas, D. Olympia de Brito.

D. Virgínia de Souza Salles. Saudações affectuosas.

Junto a esta remetto-lhe um vale postal no valor de 148000 para duas assignaturas da "Revista Feminina", sendo uma para Zézeza Leite, em Tres Corações, e outra para Maria Elisa Leal, em Cruzeiro (S. Paulo).

Sempre que me for possível enviarei-lhe as novas assignaturas.

Subscreevo-me com consideração criada obrigada.

De Corumbá, D. Amelia Marcelina do E. Santo.

"Exma. Srta. D. Virgínia. O meu maior desejo é que esta vá encontrar-vos gozando a mais perfeita saúde, acompanhada de muitas felicidades, emquanto nós vamos indo até esta data sem alteração.

Accuso o recebimento de seu amavel cartão datado de 9 de Agosto findo e de cujo favor lhe fico grata.

Junto a esta encontrareis um vale postal na importancia de sete mil réis (7500) que é de uma nova assignatura para a nossa "Revista" e pertencente á Exma. Srta. D. Helena Portes Pinho Azevedo, a quem deve ser dirigido o recibo, assim como os exemplares das revistas "Revistas".

Seu assumpto para mim, aqui fica no seu dispor uma amiga e cr.ª muito grata.

De Arary, Rio Grande do Norte, D. Maria Benedicta Dantas.

"Srta. Redactora. Nos serções do Rio G. do Norte onde residio, tive occasião de ver um numero de vossa Revista, e fiquei entusiasmado por ser do numero de seus assignantes. Anticipo-me em escrever porque não sei se as assignaturas começam em Janeiro ou em qualquer tempo. Contando me seria agradável começar logo. Remetto 58000. Se não estiver conforme queirir em ter a bondade de reclamar.

De Santa Maria, Rio G. do Sul, D. Edith Brenner.



seguintes:
Mimosa Fernandes — Rua Venâncio Ayres, Maria da Glória Brenner — Rua do Commercio, Marieta Roth — Rua Marechal Floriano Peixoto.
Minhas amigas preferem, como premio que a "Revista" oferece, o util licozinho "Adalius".
Junto o vale postal na importancia de 288000 para pagamento das assignaturas.
Promettendo angariar muitas outras. Sou de V. E. Cr.ª Att.ª Obr.ª

De Santos, D. Isabel F. Silva.
"Saudades."
Aproveito o ensejo para felicital-a pelo successo que vae obtendo a "Revista", e enviar-lhe em vale postal a importancia de 288000 para pagamento das assignaturas assignaturas de D. Sevilha Tavares Guerra, R. General Camara n. 454; D. Felicia Guerra Votta, Avenida Anna Costa, n. 884; D. Anna Ferreira de Godoy, Amparo. As duas primeiras de Santos.
Quanto ao retrato que a senhora me pede, mandarei logo que tirar. Ansiosa espero o ultimo numero da "Revista" e subscrive-me agradecida.

De Itapetininga, D. Antonia R. Colleço.
"Respeitosos cumprimentos."
Apenas de hoje conheci a V. E., sei que é bastante delicada e bondosa, por isso, espero que o meu pedido seja de ferido.
Trata-se de uma assignatura da apreciada "Revista Feminina", que V. E. dirige, para uma amiguinha que me incumbiu de tomal-a.
A minha amiga deseja possuir o numero de Setembro. Poderá V. E. considerar a assignatura como tomada nesse mez?

Dentre todas as revistas a "Revista Feminina" é a que, como a todas, mais me agrada. Desejava, portanto, adquirir todos os numeros atrasados. Será isso possivel? No caso affirmativo, rogo-lhe o dizer-me em quanto importario.
Da importancia que lhe envio, 38000 são para a aquisicao de um album de modelos de renda de Tenerife, 18000 para ser enviado o livrinho "Adalius", ao Sr. Salvador Brisola — Rua Monsenhor Soares n. 37, e 8000 para o porte.
O endereço da minha amiga Sta. Rita, Santos (ao cuidado do Sr. Ernesto G. dos Santos) é rua Quintino Bocayuva. Ella prefere o "Adalius". Envio 18000 em sellos por ser difficil a remessa de outro modo.
Espero ser desculpada pelo incommo- do que cause a V. E., queira, portanto, dispor sempre desta sua creada agradecida.

De Sapucahy, Minas, D. Maria Junqueira da Luz.
"Ilma. Exma. Sra. D. Virgínia S. Salles."
Frezada amiga,
Saudes-n affectuosamente. Envio-lhe junto a esta, a importancia correspondente (em vale postal) a duas assignaturas para as senhoras DD. Maria Conceição Guedes de St. auti residente em Curitiba de Andrade Tomba, residente em Ponte Alta da Campanha. Ambas preferem o "Adalius", que aqui tem sido muito apreciado. Terminando, agradeço-lhe sinceramente a gentileza do convite que fez-me para enviar o meu retrato, afim de ser publicado na "Revista".

Em outra occasião envia-o-ei com muito prazer, não o fusendo agora, por não ter um bom.

Votos de prosperidades á "Revista Feminina".

Enviaram-nos assignaturas mais as seguintes possaoas:

Elzeario Corrêa, Cabreúva; Maria Pi- res do Amaral, Avaré; Edgar Linha- res, Curitiba; Carolina Mirinhu Tor- res, Villa de São Manoel, Minas; Al- merinda Amazonas, Rio de Janeiro; Maximino Silva, Jundiahy; Judice Ol- veira, Itupira; Julieta dos Anjos, Pal- meiras; Maria Meira Rocha, Piracicaba; Edith Camargo Barros, Vallinhos; Agrippino G. Sá, Boa Nova, Bahia; João Dias, Belem do Pará; Auta Car- valhaes da Silva, Vicente Carvalhaes, Minas; Esolina da Silva, capital; Maria Luisa Vargas Araújo, Rio de Janeiro; Edith de Oliveira Muniz, Aracaju; Ri- soleta de Souza Rodrigues, Jeronyma Candida Esmeria, S. Sebastião do Pa- raiso; Maria de Lourdes Leme, Bor- borem; Maria Junqueira da Luz, S. Gonçalo, Minas; Maria Constancia Guedes de Freitas, Tatuhy; Mme. José Helemulo de Castro, Bahia; Florena Fioriti, capital; Anna N. Guimarães, S. Roque; Dante Roehi, S. João da Bocaina; Emygy Camargo, Goyaz; Ed- mundo Bueno Caldas, Amparo; Or- minda Prates, Rio das Pedras; Ame- lia de Souza Vellozo, Cannaveleiras; Candida Pires de Oliveira, Montes Cla- ros, Minas; Leticia Gonçalves da Sil- via, Estação Alferes Rodrigues; Maria da Gloria Helene, S. Manoel; Alber- tina C. Ferreira, Juiz de Fora; Anna de Camargo Barros, Vallinhos; Maria do Carmo de Souza Motta, Limoeiro, Pernambuco; Ambrosina A. de Azeve- do, Limoeiro, Pernambuco; Theophila Amorá, Ceará; Maria Aneliella Baccelar Corqueira, Bahia; Maria Antonietta, Santa Rita de Sapucahy, Minas; Mme. Adeodato de Souza, Bahia; Helena Jan- din, Cravinhos; Maria Ophelia, S. João da Bocaina; Evangelina Barros, Esta- ção Amalia, Jounna dos Santos Godoy, Antonietta Barbosa Rodrigues e Be- nira Lourenço, do Monte Alto; Alice de Paula Carvalho, S. João da Bocai- na; Maria Amelia de Barros Pacheco, Chavantes; Esther Simão, Barra Bon- ita; Guiliano de Rezende Junqueira, O- mordia; Bisolera de Paula Eduardo, Rio Claro; Adalice Fuchs, Una, Bahia; Delphina de Paula Nogueira, Estação da Floresta; Carolina de Moraes, La- goa Vermelha, Rio G. do Sul; Joci- lynn Carreira, capital; Odila Vieira do Lago, Cunquestre, Minas; Francisco Margarido, Blumenau; Marieta Teixei- ra Soares, Pocos de Caldas; José Soa- res de Oliveira, Gravata, Pernambuco; Severina Ferreira, Belo Jardim, Pe- rnambuco; Iracema Passarelli, Santos; Angela de Souza, Cannaveleiras, Bahia; Maria José de Araújo, Estação de Mo- rães Salles; Vildeca Anastasio, Aquidua- nana, Mato Grosso; Adelin da Silveira, Campanha, Minas; Henriqueta Soares, Estação de Tombadouro; Anna Aquino Leite Sauto Antonio de Padua, E. do Rio; Calhira Ramos, Itaquy, Rio G. do Sul; M. Cecilia Monopares, Itaquy; Noemina Santos, Tequic, Bahia; Mme. Antonietta Tornaghi, Petropolis; Jus- tiniano Paulino Botelho, Dourado; Ce- cilia Candida da Silva, Palmeiras; Ma- ria Luiza Martins, Estação de Javi; O- rminha de Oliveira Stamato, Ubera- hinha; Persio Moraes, Estação de Mo- rães Barros; José Novaes, Recife; Ed- mundo Corrêa Pacheco, Itupeva; João Baptista de Mesquita Sampaio, Lavra- del, Mme. Dr. Luiz Rodolpho Filho, Rio de Janeiro; Aurea de Proença Barros, Bebedouro; Mme. Fanny de Gusmão,

capital; Josephina Ferraz de Andrade, Cravinhos; Anna de Proença Barros, Santa Chelina, Rita Jovina de Mello, Villa Costina; Alice da Silva, capital; Aleth Ribeiro, São Thomaz de Aquino, Minas; Carolina Franco Barros, Itu; João Pinheiro, Maceló; Carolim Marti- nho Tomaz, S. Manoel; José Bento da Silva, Atibaia; Ruydice Cesar, Itara- ré; Joaquim José Ferreira, Pitá, Mi- nas; Theresita Machado, Brotas; Pau- lina da Cunha Faleiro, Itumbé, Pernam- buco; Julieta de Souza Campos, Esta- ção Campos Salles; Anisio de Santa Maria, Bannueiras, Parahyba do Nor- te; Ernestina Ramos, Areia, Bahia; Ce- cilia Araújo, Porto Alegre; Isabel Duarte Postum, Tatu; Zizinha Andra- de, Itapira; Bartira Vieira Rozende, Pindamonhangaba; Marcia Moraes, Es- tação Moraes Barros; Amélia Pinto de Oliveira, Serra Negra; Nair Pereira Li- ma, Monte Sauto; Ambrosina Landeira, Sorocaba; Evelyn P. Martins, Santa Anna do Paraíso, Minas; Anelli Campante, Guaxupé; Odette da Silva, Rio de Janeiro; Alice Alves Cardoso, Itanha; Leonilda Alves Forta, Ampa- ro; Amélia do Espírito Santo, Corum- bô; Josephina Pinto, Santa Maria, Rio G. do Sul; Jovina Cesar de Albuquerque, Goyana, Pernambuco; Maria Ol- veira de Macedo, Trindade, Goyaz; Leo- nilo Teixeira, Pombal, Minas; An- sula Silveira, Jundiahy; Adalgisa Ol- veira Andrade, Maracás; Corina Ri- beiro Pacheco, S. Sebastião da Gram- ma; Francisca de Lima Carneiro, Santa Rita de Sapucahy; Maria Martins Mendes, Santos; Sebastiana Tavares, Queluz de Minas; Dr. Narciso da Silva Marques, Villa Costina; Dr. Cícero Vianna Marques, Curvello, Minas; Jo- sephina Faria, Jundiahy; Carmelina Mon- teiro de Barros, Jahu; Josepha Laura Oliveira, capital; Almerinda Piva, Bo- queirão, Rio G. do Sul; Dr. Lucinho de Souza, Taquaritinga; Maria Pontes, Estação de Estiva; Maria da Costa Borges, Itu; Isobel do Amaral Custa- nino, capital; Manoelita Oliveira Bella, Sorocaba; Augusta Arruda Sampaio, Bocaina; A. Polizio, capital; Isanilda de Barros Meira, S. Manoel; Mme. Cora José, Belem do Pará; Silveira Alves Iguaçu; Arcelina Bernardes da Luz, Monte Alegre, Minas; Maria do Ama- ral Pecanha, Lavras, Minas; Francis- co Continho Filho, Bannueiras, Bahia; Dr. J. F. Ribeiro Pessoa, Gravata, Pe- rnambuco; Augusta de Moura Telles, Uberaba; João de Camargo, Santa Rita de Sapucahy; Aurelia Cattoni, S. José dos Campos; Salome Castro, Tubarão, Santa Catharina; Zulmira Rodrigues, Leme; Hermilina M. Coutinho, Santa Maria, Rio de Janeiro; Lourdes Lambert, Itapolis; Mme. Urbano de Moraes Bueno, Amparo; Dr. Adolpho de Cam- pus Maia, Pindamonhangaba; Maria Oliva Bittencourt, S. João de Ipanema; Segismundo Machado Pratt, Rio Boni- to; Emelinda Silveira Machado, Itu; Josephina Crepa, Amparo; Maria Elina do Nascimento, Desalvado; João de Santa Ferreira Dias, Belem do Pará; Maria José Velloso de Mello, Goyama; José Aristides da Costa Carvalho, São José do Rio Preto; Privilim Paulina Martins, Santa Anna de Itaipema; Leo- noldina Pereira Pinheiro, Manaus; Dr. J. Moraes Filho, Silvestre Ferraz, Emília Augusta Vieira, Catanduva; Adolino Fernandes Coelho, Bahia; José Celestino, Jacuhy; Oscair Schilling, Cruz Alta, Rio G. do Sul; Maria Luiza Muniz Ferreira, Casa Branca; Dr. Gustavo Schmidt, Belo Horizonte; Is- abel de Souza Dantas, Santos; Maria Adelaide Mellão, S. Manoel.

PASTILHAS AMERICANAS

Do D. R MALCOM

O Maior prodigio dos Especificos Modernos

(TRICALCICAS)

(Relatorio dos Drs. Fox e Champbell)

A cura tricalcica do Dr. Malcom deve durar pelo menos dois mezes e é por esse motivo que as suas pastilhas são entregues ao publico em tubos de cem, o que naturalmente lhes eleva um pouco o preço, mas em compensação faz-se a cura sem necessidade de estar repetindo os pedidos de medicamentos. Ha outros preparados que custam apparentemente menos; são porém vendidos muito de industria em pequenos vidros, que obrigam o doente a repetir a despeza cada semana. Demais as Pastilha Malcom são um producto commercial no qual se sacrificam ás vezes certas exigencias de technica., para diminuir o preço. Trata-se de um producto medico, preparado com todo o escriptulo e que dá resultado.

Em todas as molestias de nutrição as nossas Pastilhas deverão ser empregadas: Rachitismo, má denteição de reanças, pernas tortas (das creanças) quasi sempre devido á fraqueza dos ossos, escrophulas, lymphatis., etc.

Para o desenvolvimento dos seios as Pastilhas Malcom são extraordinarias e temos em nosso poder centenas de attestados de senhoras que ao cabo de dois mezes de tratamento tiveram resultado completo.

Muito uteis na convalescencia das molestias debilitantes e para uso continuo das pessoas que se entregam a trabalhos cerebraes axhaurientes e que necessitem de phosphoro, bem como, para a fraqueza de qualquer outro orgão.

Durante o allotamento as Pastilhas Malcom são indispensaveis. Fornecem ao leite materno todos os elementos calcicos necessarios á formação do esqueleto da creança.

Preço: Tubo de 100 pastilhas, 208000; Em duzia, para droguitas, preços especiaes.

Dose: PARA ADULTOS. Começar por duas pastilhas a cada refeição durante a primeira semana e augmentar em seguida para tres. Para casos simples taes como cansaço cerebral, fraqueza dos miões é bastante metade da dose acima.

PARA CRENÇAS. Uma pastilha cada refeição; augmentar para duas ao fim de uma semana. Para creanças de menos de 4 annos começar por meia pastilha e continuar por uma.

Pedidos á Empresa Feminina Brasileira — Alameda Glette, N.º 87 — S. PAULO

Corte e envie sem demor este coupon á Redacção da "Revista Feminina"

de de 191.....

Sra. D. Virgínia de Souza Salles
Directora da "Revista Feminina", Rua 15 de Novembro, 33 — S. Paulo.

Peço-lhe inscrever-me como assignante da Revista Feminina, por um anno, a começar em de 191..... e a terminar em de 191..... para cujo pagamento enconhrará anexo a importancia de Rs. 73000 (em dinheiro, cheque, ordem ou sellos).

As cartas com as importancias devem vir sob registro e valor declarado.

Endereço
Logar
Estado
Observações

Placas de Crystal
Teixeira, Russo & Comp.

TABOLETAS, LETREIROS
DECORAÇÕES

R. do Carmo, 19 -- Caixa Postal, 1244
— São Paulo —

**GRANDE FABRICA DE
MOVEIS DE VIME E
DE JUNCO**

- J. Carneiro Braga -

Rua Brigadeiro Tobias N. 124

Telephone, 243 - São Paulo

*N's Exmas. Familias rogamos uma visita ao nosso estabe' cimento onde
temos a exposiçao mais completa e de fino gosto que se pode imaginar em
moveis e muitos outros objectos de vime e de junco.*

Peçam preços, catalogos e in-
formações que enlaremos gralls a
quem solicitar citando o nome desta
Revisia.

Atenção: A mais importante
Fabrica de moveis, de vime e
de junco, a

Rua Brigadeiro Tobias, 124

SÃO PAULO

Espanadores
de todas as qualidades

Escovas
de qualquer systema

Cestas
de qualquer qualidade

Gaiolas e
Viveiros

Enceradeiras
para soalhos

Escovas com pranchas
de ferro espe-
cialidade da fabrica.

Vassouras de cabel-
lo, artigo
fino, para soalhos encerados.

Vassourões de pia-
çava, pa-
ra terreiros de café.

Rua Brigadeiro Tobias, 124 - S. PAULO

TYP. H. GROBEL
RUA AURORA N. 3 E 5